



# Pastoral Juvenil Salesiana e Família

Sector para a  
Pastoral Juvenil  
Salesiana

*Apresentação gráfica:* Artia Comunicación  
*Ilustrações:* Javier Carabaño  
*Tradução:* José Antenor Velho

Propriedade reservada ao Sector para a  
Pastoral Juvenil Salesiana, SDB

**Salesiani di Don Bosco – Sede Centrale**  
Via Marsala, 42. 00185 Roma

# Pastoral Juvenil Salesiana e Família

Sector para a  
Pastoral Juvenil  
Salesiana

## SIGLAS E ABREVIACÕES

---

- ACG** Atos do Conselho-Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco
- PEPS** Projeto Educativo-Pastoral Salesiano
- CEP** Comunidade Educativo-Pastoral

## FONTES

---

- FC** João Paulo II, Exortação apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981).
- FD** *Documento final do Sínodo dos Bispos sobre os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional* (27 de outubro de 2018)
- AL** Francisco, Exortação apostólica pós-sinodal sobre o amor na família “*Amoris laetitia*” (19 de março de 2016).
- CV** Francisco, Exortação apostólica pós-sinodal “*Christus vivit*” (25 de março de 2019).
- EG** Francisco, Exortação apostólica aos bispos, presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo atual “*Evangelii Gaudium*” (24 de novembro de 2013).
- FT** Francisco, Carta encíclica “*Fratelli Tutti*” (3 de outubro de 2020).
- MO** Memórias do Oratório de São Francisco de Sales, Brasília, Edebê, 2012.
- FS** Fontes Salesianas. 1. Dom Bosco e sua obra. Coletânea antológica, Brasília, Edebê, 2015.
- BR** Braido, P. *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade*, São Paulo, Editora Salesiana, 2008  
Braido, P. *San Giovanni Bosco, Scritti sul sistema preventivo nell'educazione della gioventù*. La Scuola, 1965
- QR** *A pastoral juvenil salesiana. Quadro referencial*, Brasília, Edebê 2014.
- PGF** *Pastorale Giovanile e famiglia*. Atti del Congresso Internazionale (27 novembre – 1º dicembre 2017, Madri).
-

# ÍNDICE

Apresentação .....	6
Introdução .....	9
“Cuidar da família” .....	10
...para que as famílias “cuidem” dos outros .....	13
A família, espelho dos tempos .....	15
<b>Capítulo 1</b>	
<b>A FAMÍLIA DE DOM BOSCO: UMA FAMÍLIA CONCRETA .....</b>	<b>17</b>
1.1. A perda e a ausência do pai .....	18
1.2. “Uma família aberta” tendo no centro a mãe .....	21
1.3. Em Valdocco como em casa .....	24
1.4. Deus te vê, vejamos como Deus .....	27
<b>EM SÍNTESE:</b> .....	<b>29</b>
<b>Capítulo 2</b>	
<b>SISTEMA PREVENTIVO E FAMÍLIA .....</b>	<b>31</b>
2.1. Sistema Preventivo: experiência espiritual e apostólica .....	32
2.2. A “fantasia da caridade” que obtém vida no Sistema Preventivo .....	33
2.3. O espírito de família e o testemunho educativo: herança preciosa .....	35
2.4. Comunicação e intercâmbio intergeracional .....	37
<b>EM SÍNTESE</b> .....	<b>41</b>
<b>Capítulo 3</b>	
<b>INVESTIR NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS PARA CONSTRUIR AS FAMÍLIAS DE HOJE E DE AMANHÃ .....</b>	<b>43</b>
3.1. Jovens e famílias no coração da CEP .....	44
3.2. Âmbitos em que envolver as famílias .....	45
3.3. A contribuição da família na CEP .....	46
3.4. Pastoral Juvenil Salesiana e Família: envolvimento e integração no PEPS .....	51
<b>EM SÍNTESE</b> .....	<b>65</b>
Reflexão final .....	67



# Apresentação

## O caminho da Igreja, da Congregação e do Setor

**para a Pastoral Juvenil Salesiana**, ao aprofundar a sinergia entre pastoral juvenil e família, surge no triênio 2015-2018 por ocasião dos Sínodos promovidos pela Igreja (*“Os desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização”*, 2014; *“A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”*, 2015; e *“Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”*, 2018). Três Sínodos, dois sobre a família e um sobre os jovens, do que muito se beneficiou o caminho da pastoral juvenil e da família. A própria reflexão do 27º Capítulo-Geral da Congregação Salesiana (2014) e o Congresso Internacional “Pastoral Juvenil e Família” (Madri, 2017), do Setor para a Pastoral Juvenil, insistiram sobre como a família é, enquanto forma social e eclesial, um fator-chave na sociedade e na educação das novas gerações.

No último trimestre de 2020, buscamos e analisamos o material sobre os caminhos percorridos pela Congregação sobre este tema (reuniões de delegados, documentos de especialistas e contribuições do Congresso); ao mesmo tempo, examinamos a literatura recente (após a publicação da *“Amoris Letitia”*), no cenário internacional, sobre a relação entre pastoral juvenil e família, chegando a produzir um documento.

Num segundo momento, pedimos a um grande grupo de pessoas das várias Regiões que enviassem contribuições e sugestões sobre esse conteúdo; paralelamente, o Reitor-Mor e seu Conselho estudaram o texto em diversas sessões de trabalho (janeiro e junho de 2021). Depois de integrar a redação com as indicações e propostas recebidas, produzimos este documento final, mais bem cuidado e em linha com a nossa vivência sobre o tema.

O texto que lerão configura-se, pois, como **uma coletânea sintética e organizada do essencial** emerso durante esse caminho rico e proveitoso. Este documento não pretende ser um manual de pastoral familiar. Estas páginas respondem a uma reflexão, certamente não exaustiva, que evidencia o quanto o envolvimento e a integração destas duas realidades (pastoral juvenil salesiana e família) nos levam a refletir juntos sobre o

---

significado e as exigências que as duas perspectivas comportam para a nossa renovação educativa e pastoral. **Poderemos formar a pessoa de nossas crianças e de nossos adolescentes e jovens sem analisar, esclarecer e reavivar os valores da família?**

O objetivo deste opúsculo é, pois, dirigir o olhar na direção pastoral. Seus destinatários são os Salesianos de Dom Bosco e demais agentes pastorais com responsabilidades na animação dos diversos setores e ambientes.

Diante da situação familiar que vivemos atualmente, nós Salesianos com a Família Salesiana somos chamados a fazer uma proposta educativo-pastoral para **acompanhar todos os tipos de famílias** que compõem as nossas CEP e todos os jovens. Alguns leitores poderiam ter a impressão de que estamos passando da atenção preferencial aos jovens a um interesse privilegiado pela família. É legítima, portanto, a questão do significado, das razões e das consequências deste que poderia parecer um desvio em relação à opção prioritária.

Em termos concretos, a opção pelos jovens não é exterior e ocasional, mas interior à pastoral e não nasce da organicidade da mensagem (evangelização), mas da prioridade carismática; obviamente não nascemos como um movimento para cuidar da pastoral familiar. Como Família Salesiana, pelo bem da Igreja e da sociedade, somos orientados para a missão juvenil, para o amor preferencial pelos jovens, especialmente os mais necessitados. Podemos dizer com Dom Bosco: “O Senhor enviou-me para os jovens; por isso é preciso que eu me poupe das outras coisas e conserve a minha saúde para eles”.

Entretanto, embora isso seja verdade, é igualmente realista que **não podemos trabalhar com os jovens sem pensar em suas famílias**. O Papa emérito Bento XVI já exprimia claramente em seu discurso na Audiência aos participantes do Capítulo-Geral 26 dos Salesianos (31 de março de 2008), sobre as novas fronteiras da evangelização, que “ocupar-se das famílias não é subtrair forças ao trabalho pelos jovens, aliás, é



torná-lo mais duradouro e eficaz. Encorajo-vos, então, a aprofundar as formas deste compromisso, sobre o qual já vos encaminhastes; isso será também um benefício para a educação e evangelização dos jovens”. É esse, portanto, o horizonte deste trabalho.

O texto aqui apresentado compõe-se de três partes; a primeira, recorda o peso da família na experiência de Dom Bosco e em Valdocco, para oferecer em seguida, na segunda seção, algumas reflexões sobre a qualidade do encontro educativo e o espírito de família no Sistema Preventivo. O último capítulo evidencia a importância da família em si e a sua contribuição no ecossistema da formação dos jovens, ratificando positivamente a sua contribuição para a vida quotidiana da Comunidade Educativo-Pastoral (CEP). São apresentadas algumas orientações concretas para o PEPS a partir de afirmações que indicam a família como primeira e comum vocação e lugar por excelência da ligação afetiva, sujeito ativo da pastoral nas Comunidades Educativo-Pastorais, espaço de experiência de diálogo, respeito, amor, atenção para os jovens que desejam investir nos relacionamentos e nas ligações familiares.

Antes de deixá-los à leitura, quero exprimir um vivo e cordial agradecimento aos que, das diversas Inspetorias do mundo, participaram ativamente na concretização do texto, à Dra. Antonella Sinagoga e aos que nos acompanharam com competência e profissionalidade oferecendo-nos sugestões e orientações.

**Miguel Ángel García Morcuende**

*Conselheiro Generale para a Pastoral Juvenil*

ROMA, 24 DE JUNHO DE 2021



# INTRODUÇÃO

## 1

## “Cuidar da família”

O **cuidado da família** suscita grande interesse no mundo todo. Atenção especial é dada à questão através de artigos, publicações científicas e anais de congressos. Ao mesmo tempo, pede-se à família para **cuidar dos vínculos** que constituem a densa teia que sustenta a pessoa dos jovens em processo de crescimento e aumentam a qualidade de vida de uma comunidade. Por isso, é necessário promover estratégias educativo-pastorais adequadas ao apoio à família, no papel que ela desempenha na construção das relações interpessoais e intergeracionais, bem como na concepção global da educação e do acompanhamento das novas gerações.

*Francisco convida-nos hoje a uma “pastoral de vínculo” (AL, 211) porque toda experiência familiar é uma história de relações, construída ao redor de um projeto de vida, relacionado com um contexto cultural, social, econômico e político. Toda família no decurso dessa história alterna momentos em que consegue exprimir os próprios recursos, e momentos em que atravessa situações de vulnerabilidade e cansaços.*

Em sua complexidade, toda família é como um livro que preciso ser lido, interpretado e entendido com muito cuidado, atenção e respeito. Em nossa sociedade contemporânea, a vida familiar apresenta, na verdade, algumas condições que a expõem a fragilidades:

- ▶ *A fragilidade e fragmentação das redes relacionais*, numa cultura em que aumentou a visão individualista da existência, enfraqueceram-se as relações comunitárias e as práticas de socialidade, com o empobrecimento das ligações de proximidade, afetivas, das redes informais de ajuda e apoio e da cultura do encontro (cf. ET, 30). Os lugares de encontro foram alterados. Além disso, a cultura digital representa uma fragilidade e um recurso: as novas tecnologias dão maiores possibilidades de adesão à vida social e de relação compartilhando lugares virtuais, mas não se diz que essa participação seja, por isso mesmo, efetiva e afetiva. Vive-se na era da hiperconexão, em contato com todos e, em qualquer momento,

através da internet e de plataformas sociais; em todos os instantes, mesmo quando, por exemplo, se está sentado à mesa e se deveria viver um momento de convívio, não se tiram quase nunca as mãos e, infelizmente nem mesmo a mente, do smartphone.

- ▶ *A aridez espiritual, o alheamento das “coisas do espírito” ou a incapacidade de conectar-se com o Divino* para um significado mais profundo na vida, para viver a própria fé de modo significativo.
- ▶ *A desorientação e os riscos relacionados com a superação de momentos de mudança*, numa cultura centrada na “autossuficiência”, especialmente nas passagens evolutivas da vida (adolescência, nascimento de um filho, envelhecimento...) e nos momentos de mudança imprevista (como, por exemplo, a perda do trabalho, as separações, os lutos...), vividos com frequência no íntimo das “casas” domésticas.

É importante confrontar-se com as fragilidades, mesmo porque **“nenhuma família é uma realidade perfeita e confeccionada dum vez para sempre**, mas requer um progressivo amadurecimento da sua capacidade de amar... [...] Mas contemplar a plenitude que ainda não alcançamos permite-nos também relativizar o percurso histórico que estamos a fazer como família, para deixar de pretender das relações interpessoais uma perfeição, uma pureza de intenções e uma coerência que só poderemos encontrar no Reino definitivo. Além disso, impede-nos de julgar com dureza aqueles que vivem em condições de grande fragilidade. Todos somos chamados a manter viva a tensão para algo mais além de nós mesmos e dos nossos limites, e cada família deve viver neste estímulo constante. Avancemos, famílias; continuemos a caminhar! Aquilo que se nos promete é sempre mais. Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida” (AL, 325).

A família está sujeita a **constantes transformações**. As várias configurações tornaram-na uma realidade poliédrica: pense-se nas famílias nucleares (pai, mãe e filhos) ou simples; famílias mononucleares (pai ou mãe com filhos) ou sem uma unidade conjugal; famílias extensas ou alargadas e, portanto, uma unidade conjugal e vários parentes conviventes (com mais de duas gerações no mesmo núcleo); múltiplas (com várias gerações, vários núcleos matrimoniais e pessoas solteiras). A tipologia da

família expandiu-se: famílias separadas, reconstituídas ou recompostas, uniões monoparentais, multiétnicas, uniões de fato, uniões civis estáveis. O parentesco ou o matrimônio não são mais critérios exclusivos para definir a família. A realidade tornou-se tão complexa que **hoje não podemos pensar na família no singular, mas no plural.**

## NÃO EXISTE FAMÍLIA, EXISTEM FAMÍLIAS

Apesar das múltiplas configurações familiares, podemos afirmar que a relação familiar é um componente de importância fundamental, pois para o bem ou para o mal, é o único acesso para a construção e o desenvolvimento da própria identidade. A família é um contexto relacional que dá apoio à transformação; ela é, de fato, a instituição que “organiza” as relações primárias e as diversidades fundamentais do ser humano. A família é, pois, o espaço e o “lugar” do encontro das diversidades, que estão na base da experiência humana entre os sexos, as gerações, os temperamentos, as identidades, etc.

Para *Francisco*, as famílias “não são um problema, são sobretudo uma oportunidade” (AL, 7); baste pensar na experiência de Jesus em sua família (Lc 2,51-52). Oportunidade para aprender a ser, viver em comum, ajudar, cuidar, amar.

Quando se fala de cuidar da família, isso implica necessariamente cuidar, antes de tudo, dos membros da família, em sua diversidade, em sua dignidade; nenhuma instituição deve estar acima das pessoas e do seu desenvolvimento humano integral. **Pensar e viver as famílias como uma boa notícia** é um convite a viver um espaço a partir do qual seja possível construir o “nós”. A família como projeto de felicidade implica reconhecer as luzes e sombras dessa experiência, reconhecer-se como seres em relação e em comunhão com contextos mais amplos.

## 2

## ...para que as famílias “cuidem” dos outros

O “processo sinodal” sobre a família, promovido por *Francisco* e concebido em dois Sínodos (um extraordinário, em 2014, e outro, ordinário, em 2015) permitiu compreender que, como afirmava São João Paulo II: “a família não é um âmbito da pastoral, mas é o horizonte e o caminho da Igreja” (*Carta às famílias*, 1994).

Estamos convencidos de que as famílias, **todas as famílias, são sujeito e não só objeto de educação e evangelização**; por isso, para nós, agentes de pastoral juvenil salesiana, a Exortação pós-sinodal “*Amoris Laetitia*” é um convite, na escuta dos tempos, a repensar a família no serviço pastoral que nos foi confiado.

As famílias são sujeito de evangelização e educação tanto *ad intra* (em relação aos seus filhos) como *ad extra* (na comunidade eclesial e nas CEP de que fazem parte). O primeiro aspecto é crucial, certamente, mas mais “ordinário” e ligado a dinâmicas de pastoral familiar; o segundo, e a contribuição específica do raciocínio que levamos adiante como Congregação.

Neste contexto cultural e ao percorrer as dinâmicas de mudança apresentadas por esta época, a família, se de um lado está sujeita a fragilidades e riscos, como já referimos, de outro representa um **recurso único e precioso nas nossas CEP**. No âmbito do Congresso Internacional de Madri de 2017, esta análise foi iniciada com amplas reflexões e debates. Para além das transformações que a caracterizaram e caracterizam, emerge uma leitura positiva da família atual, tais como:

- ▶ **Lugar da acolhida e da relação** enquanto manifestação mais completa da experiência fundamental da pessoa que é a relação com o outro (no casal em relação aos filhos, no relacionamento entre irmãos, nos relacionamentos parentais alargados). É encontro de pessoas que têm a possibilidade de cuidar uma da outra e, portanto,

de serem significativas uma para a outra (mediante relacionamentos quotidianos nos quais medir-se com as urgências e necessidades dos outros e educar-se para o recíproco acolhimento e diálogo).

- ▶ **Lugar** por excelência **da ligação afetiva**, mas também **lugar da responsabilidade** diante do outro.
- ▶ **Lugar da alteridade** entre pessoas que, superando com confiança o medo da diferença e da indiferença, começam a experimentar de modo positivo o diálogo entre si, aprendendo a considerar como um recurso que, numa dinâmica de intercâmbio, permite a ambos crescerem.
- ▶ **Lugar da educação**, porque o processo educativo promove a realização da identidade.
- ▶ **Lugar da humanização**, porque a família dá forma humana, humaniza o que dela nasce e nela se liga, contribuindo para o crescimento harmonioso das pessoas.
- ▶ **Lugar do crescimento na fé**, terreno sagrado em que cada membro da família cresce para a unidade com Deus.
- ▶ **Lugar privilegiado onde se experimenta a alegria do perdão.** É no interior da família que nos educamos para o perdão, porque se tem a certeza de ser entendido e apoiado apesar dos erros que se possam cometer.
- ▶ **Lugar de esperança** que testemunha que num mundo tendente ao individualismo e à aparência, ainda há amor desinteressado, generosidade, altruísmo, benevolência e cuidado pelos mais frágeis.



## 3

## A família, espelho dos tempos

A instituição familiar, não obstante as mudanças e os desafios de vários gêneros que a ameaçam, permanece sólida como projeto de vida/vivência/realidade que requer um horizonte de atuação e o esforço constante da parte de todos.

Das realidades pastorais provenientes de todas as Regiões da Congregação, emergiram muitos desafios e aprofundamentos, que poderão ser analisados nos encontros futuros de formação:

- ▶ **Desafio de uma adequada colocação no interior da Projeto Educativo-Pastoral Salesiano.** É importante justificar a terminologia que usamos para sermos fiéis ao nosso carisma: “pastoral juvenil e família”. Binômio usado na perspectiva salesiana que não descuida da atenção preferencial e prioritária aos jovens, não confere a esta escolha um sentido meramente retórico, sem consequências em nível operativo, não nos achata numa identidade apostólica indiferenciada e não dá origem a uma pastoral paralela ou desarmônica. Pensar os dois temas em conjunto é antropológicamente correto, teologicamente fundamentado e pastoralmente promissor e fecundo.

A pastoral entre os jovens é “estilo” e “método”, como afirma o art. 20 das Constituições dos Salesianos de Dom Bosco: “Dom Bosco viveu, no encontro com os jovens do primeiro Oratório, uma experiência espiritual e educativa a que chamou ‘Sistema Preventivo’. [...] Dom Bosco no-lo transmite como modo de viver e trabalhar para comunicar o Evangelho e salvar os jovens”.

- ▶ **Desafio do protagonismo das famílias.** Além de fazer de todos os casais cristãos e famílias e de cada um deles o escopo das suas atenções e cuidados, o objetivo pastoral é reconhecer nos próprios casais e famílias um sujeito pastoral ativo e responsável na participação da vida e da missão da Igreja e do desenvolvimento da

sociedade, realizando nela as tarefas e o ministério que têm suas raízes no sacramento do matrimônio.

- ▶ **Desafio da acolhida e do trabalho com todas as famílias**, abrindo-nos sobretudo às famílias em situação de vulnerabilidade e dificuldades, acolhendo e ajudando a curar as feridas que se manifestam nas relações humanas, tanto antes como depois da formação da família. Ainda no plano conceitual, fazer próprio o termo no plural – **famílias** – porque estamos diante de inúmeras configurações familiares.
- ▶ **Desafio da vida espiritual no contexto familiar**. Recuperar a dimensão espiritual para sentir o seu sabor, a sua beleza. O convite a tornar a vida familiar uma boa-nova, um motivo de felicidade, colocá-los na chave do amor como lugar de doação onde as relações se originam e ganham vida para, depois, nos levar a transcender este núcleo até projetá-lo na comunidade.
- ▶ **Desafio da formação**. Promover para Salesianos, famílias, jovens adultos e jovens casais encontros de formação sobre temas de interesse das famílias e sobre o tema da família, especialmente na cultura contemporânea. Refletir sobre o projeto criatural e salvífico de Deus sobre o matrimônio e a família que precisa ser conhecido e aprofundado.
- ▶ **Desafio dos meios de comunicação**. A necessidade de criar rede com todas as instituições (dioceses, outras associações...) que se ocupam das mais diversas configurações familiares para estreitar boas alianças.
- ▶ **Desafio da integração de famílias e MJS**, para não perder de vista o foco juvenil da nossa pastoral, destacando o fecundo entrelaçamento entre duas perspectivas pastorais: da família e dos jovens.

# **A FAMÍLIA DE DOM BOSCO:** UMA FAMÍLIA CONCRETA

CAPÍTULO

I



## 1 1 A PERDA E A AUSÊNCIA DO PAI

**Encontrar Dom Bosco é uma viagem sempre atual.** Acompanhar os seus sonhos; compreender a sua paixão educativa; conhecer o seu talento de tirar os jovens dos “maus caminhos” para torná-los “bons cristãos e honestos cidadãos”, educá-los na fé cristã e na consciência social, orientá-los para **uma profissão honesta, é uma experiência de extraordinária intensidade humana e familiar.**

A experiência de Dom Bosco tem raízes distantes. **Sua vida, de fato, é povoada por famílias,** uma multiplicidade de relações, várias gerações, jovens sem família, histórias de amor e crises familiares, desde a primeira página da sua vida, quando deve enfrentar ainda muito pequeno a perda do pai. A primeira lembrança que Dom Bosco comunica aos seus leitores nas *Memórias do Oratório* refere-se a um episódio cuja importância só mais tarde poderá compreender: a perda do pai. O vazio paterno na vida de Dom Bosco transforma-se em coração fecundo, e não em trauma que paralisa ou atrapalha as suas potencialidades.

Conhecemos o fato e sabemos como Dom Bosco concluiu a narração: «Não sei o que aconteceu comigo em tão triste circunstância. Lembro apenas, e é o primeiro fato de minha vida que guardo na memória, que todos saíam do quarto do falecido e eu queria ficar lá a todo o custo. “Vem, João, vem comigo”, insistia minha aflita mãe. “Se papai não vem, eu também não vou, retorqui”. “Pobre filho, continuou mamãe, vem comigo, já não tens pai”. Ditas essas palavras, prorropeu em soluços, tomou-me pela mão e levou-me para fora, ao passo que eu chorava porque a via chorar. Naquela idade não podia evidentemente compreender a grande desgraça que é a perda de um pai”» (MO, p. 25).

Dom Bosco vive duas vezes a dor de perder um pai, quando, além do pai biológico (Francisco), perde o seu pai espiritual (Padre Calosso). Ele que era chamado a cuidar dos órfãos, viveu na carne essa experiência de perda que o marcou ao longo de toda a vida.

Ao escrever sobre os acontecimentos de sua vida, Dom Bosco se deixou envolver pelos acontecimentos narrados. Não é difícil perceber, no pano de fundo das cenas familiares, a grande nostalgia de uma realidade que

não pôde desfrutar quando criança devido à morte do pai: a ternura do afeto paterno. Na verdade, é sobretudo em torno da figura do pai que ele retrata as cenas mais delicadas e comoventes.

Dom Bosco foi capaz de elaborar a “perda”. De um menino sem pai, ele se torna modelo de paternidade para seus filhos. Num contexto social (ocidental) em que a figura paterna é desconhecida ou passiva, **o fato de Dom Bosco abraçar a sua paternidade é um sinal de esperança** que pode estimular os pais a desempenharem o seu papel específico.

Quando se lê a história de João Bosco, pode-se interpretar ou intuir que a sua família é “diferente” e, por isso, uma família concreta, com seus valores e suas fraquezas, com seus relacionamentos afetivos e suas dificuldades. Sua família é simples, trabalhadora e empreendedora. É interessante a naturalidade com que Dom Bosco se refere aos problemas presentes na própria família, sem ocultá-los, mas simplesmente **narrando os acontecimentos e as fadigas do dia a dia**, reconhecendo que a vontade de Deus se dá no interior das reais e infelizmente complexas relações quotidianas de todos nós, marcadas sim pela Providência, mas também pelo pecado e pelo desânimo.

A falta do pai, a dificuldade com o irmão Antônio que muitas vezes cria obstáculos para ele, a avó que pode ser um peso, a pobreza que obriga a fazer opções, os afazeres que preenchem os dias e parecem não fazer ver outra coisa além do horizonte do trabalho quotidiano, são também traços característicos da família Bosco, que não ficam ocultos, mas são revelados porque formarão concretamente o caráter e o futuro de cada um de seus membros.

E será dessas dificuldades e “carências”, comuns a muitas famílias de então e de hoje, que brotarão algumas características fundamentais da espiritualidade de Dom Bosco. Nestas páginas, não podemos examinar em detalhes como a família influenciou a vida do santo, mas podemos individualizar algumas características que nos parecem de particular importância.

- ▶ **A falta do pai levará João a buscar outras figuras paternas** e a descobrir o papel primordial e insubstituível do pai em uma casa. Primeiro, o Padre Calosso, de quem reconhece começar “a perceber o que é a vida espiritual” (MO, p. 43), por quem se sentirá amado e cuja

morte o marcará profundamente. O velho sacerdote não fora para ele apenas um benfeitor e preceptor que o estimulava, mas um pai, o primeiro pai espiritual, no seu dizer excepcionalmente significativo para sua vida interior e a realização da vocação ao sacerdócio.

Quarenta e cinco anos depois traçou o seu perfil, intencionalmente integrado pela longa e exemplar experiência dos seus padres, educadores cristãos da juventude e promotores das vocações eclesiais. “Abri-me inteiramente com ele – escreve. Manifestava-lhe prontamente qualquer palavra, pensamento e ação. Isso muito lhe agradou, porque dessa maneira podia orientar-me com segurança no espiritual e no temporal. Fiquei sabendo assim quanto vale um guia estável, um fiel amigo da alma, que até então não tivera. [...] A partir desse tempo comecei a perceber o que é a vida espiritual, pois antes agia de maneira um tanto material, qual máquina que faz uma coisa sem saber por quê” (MO, p. 43).

A experiência do vazio fará o jovem padre Dom Bosco reconhecer as dificuldades dos seus jovens, a qualidade humana e espiritual com que ele mesmo deverá aprender a revestir a própria vida para ser o pai dos muitos que não têm pai e que verão nele quem lhes dará o gosto da vida, em todos os sentidos.

- ▶ **A dificuldade e a sorte de ter irmãos.** Valdocco não será uma ilha de felicidade: será sempre uma comunidade de jovens e adultos que deverão lapidar gradativamente o próprio caráter e lutar consigo mesmos para viver plenamente uma forma de caridade dinâmica, feita de relacionamentos, de escuta, de momentos de festa, de passeios, de partilha; só assim poderá ser berço e casa de muitos. Dom Bosco sabe que não existe uma casa sem irmãos que, com características diferentes, ideias às vezes distantes e dificuldades na convivência sabem ver em quem está ao seu lado um membro da própria família, alguém que me interessa de perto, de quem depender, a quem dirigir o meu afeto e as minhas atenções. Assim, apenas chegados, os garotos que estão com ele são convidados a cuidar uns dos outros, porque em família se vive assim, porque é o que sempre fará José, irmão de Dom Bosco, mesmo depois de adulto; porque também Antônio, embora depois de anos, reconhecerá as qualidades de João; porque não existe casa sem fraternidade.



- ▶ **O trabalho cotidiano** pelo bem de todos: a extrema pobreza vivida em criança nos Becchi e o gosto e o valor do trabalho cotidiano no campo permanecerão na vida de Dom Bosco como sentido de dever e de esforço, como objeto de ensino e instrumento de educação, porque o bom cidadão ganha seu pão com o suor do seu rosto e, por isso e com isso, ele louva ao seu Senhor.

1 2

## “UMA FAMÍLIA ABERTA” TENDO NO CENTRO A MÃE

O que Dom Bosco escreve sobre a sua percepção da morte do pai também pode ser considerado como reelaboração sucessiva de reminiscências maternas e da própria progressiva tomada de consciência da condição de órfão, sempre muito afeiçoado à mãe.

Mamãe Margarida, pela energia física e moral inata e pelo senso de responsabilidade adquirido, assumiu com solicitude o papel de mãe-pai no governo firme e prudente do já consolidado núcleo familiar. Por isso, a busca da figura paterna feita por João em sacerdotes bondosos e caridosos nunca parece revelar-se como ansiosa: num contexto parental sólido e solidário já devia ter sido suficientemente interiorizada.

Uma dupla abordagem da vida de Dom Bosco ajuda-nos a compreender ainda mais as características da família Bosco: de um lado, **Valdocco será casa de muitas gerações** e contará com protagonistas **provenientes de diferentes extratos sociais**, porque, de fato, irá imitar o que era simplesmente a realidade quotidiana da família Bosco pertencente ao mundo popular e das famílias do tempo; de outro lado, **a atenção à presença de Mamãe Margarida** remete-nos ao centro da vida familiar.

- A Os Becchi, quando Joãozinho ali vivia com os seus, era um povoado em que as pessoas viviam e trabalhavam inseridas num contexto social e eclesial que se estendia até a cidade de Castelnuovo e, nas suas amizades e relacionamentos mais extensos, chegava até a Vila Moglia e até mesmo à cidade de Chieri.

A família de Dom Bosco vivia num contexto social em que ser “da família” ampliava-se muito além das estritas relações pais/filhos a que estamos habituados. Era uma sociedade em que vi-

viam contemporaneamente várias gerações, onde **cuidar uns dos outros era atualidade cotidiana**, porque também o vizinho de casa fazia parte da família.

Ensinava-o Mamãe Margarida ao dar atenção aos pobres, mesmo aqueles só de passagem. Ensinavam-no as figuras de parentes e amigos que ajudam o jovem Bosco a encontrar trabalho, sair de casa e encontrar dinheiro para estudar. A família de Dom Bosco, dado o ambiente social e socioeconômico em que viveu, cresceu e desenvolveu a sua missão era o mundo e a classe simples e popular, aspecto ao redor do qual se move a missão e a opção privilegiada dos seus Salesianos de hoje e do futuro.

**Compartilhar as experiências de um mundo pobre com todas as suas precariedades e valores** impregnou sua forma de ver a realidade e a sua capacidade de compaixão pelos jovens mais empobrecidos. Com a sua mãe, eles querem ser uma família aberta, que acolhe e acompanha quem não viveu experiências gratificantes em sua família. Querem garantir-lhes uma experiência familiar e de casa em cada obra que é erguida. Daí a sua opção pastoral e **a capacidade de compreender as vicissitudes do mundo popular**.

Também do ponto de vista eclesial, o cuidado das relações entre as famílias é uma atenção pastoral cotidiana. Mamãe Margarida, com toda probabilidade, fazia parte daquele grupo de mães que, durante anos, reunidas pelos párocos de Castelnuovo, se reuniam para rezar e aprofundar a fé, tornando-se realmente a espinha dorsal da educação religiosa dos filhos e familiares. O fator comum que se torna constitutivo do espírito de família de Dom Bosco é a beleza de uma relação genuína.

**B** Em segundo lugar, Mamãe Margarida foi uma mãe especial para Joãozinho Bosco e para todos os meninos do primeiro Oratório, que se tornam a sua família, aos quais frequentemente se dirigia com chistes e provérbios em dialeto piemontês, que em poucas palavras conseguiam resumir bom senso e experiência.

Era uma mulher trabalhadora, uma mulher de fé e de oração, um exemplo de vida para o seu filho João. Podemos dizer, em linguagem educativa, que Dom Bosco “se matriculou na escola de sua mãe Margarida”, mulher acolhedora que poderíamos comparar com a Boa Samaritana do Evangelho; servia as crianças e os jovens pobres do seu filho, os descartados, como diríamos hoje. **Se Dom Bosco é santo é porque teve uma mãe santa.**

Nas *Memórias do Oratório*, Dom Bosco recorda com extraordinária precisão os gestos, as palavras, as atitudes com que sua mãe – Mamãe Margarida – o preparou para a primeira Comunhão. Depois, ele apresenta praticamente o mesmo modo de proceder para descrever a preparação ao mesmo evento na vida de Domingos Sávio (FS, p. 1117), Severino e Francisco Besucco (FS, p. 1221)

O biógrafo de Dom Bosco, Johannes Jørgensen (1931), tinha razão ao iniciar sua obra com a famosa frase: “No início era a mãe”. Na verdade, Margarida era o centro da família, em todos os sentidos. Embora viúva e lutando para sustentar uma família em condições de pobreza e também de dificuldades relacionais (principalmente com o filho mais velho, não dela, Antônio), **Margarida consegue pôr em ação uma admirável obra educativa**, tanto que é lembrada com saudade e depois buscada com insistência pelo próprio Dom Bosco quando deve fundar a sua família: Valdocco.

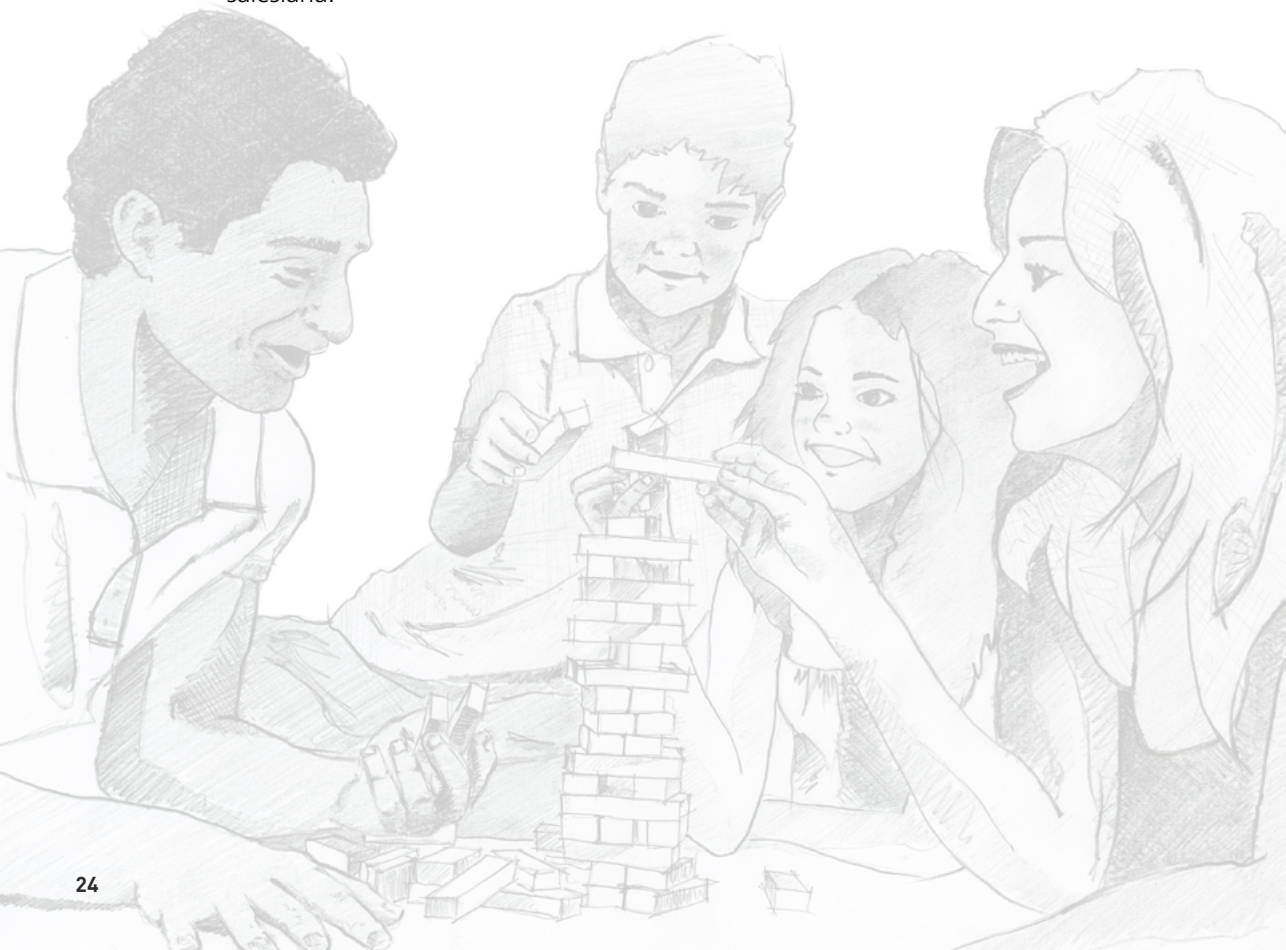
Da mãe, Dom Bosco aprenderá a bondade (*amorevolezza*), aquele amor materno concreto, cheio de afeto, protetivo e capaz de acompanhar o menino no seu crescimento, mas, ao mesmo tempo, bondade (*amorevolezza*) que “não é fraca, aproximativa, mas forte, ordenada, disciplinada, formadora de homens sérios e de cristãos de caráter” (BR, 1965, Regulamentos). Seus traços recordam as palavras de *Francisco* sobre a amabilidade: “Amar – escreve – significa também ser amáveis. Quer indicar que o amor não age de maneira rude, não age de modo descortês, não é duro no trato. Seus modos, suas palavras, seus gestos, são agradáveis e não ásperos ou rígidos. Detesta fazer os outros sofrerem. Todos os dias, “entrar na vida do outro, mesmo quando faz parte da nossa existência, exige a delicadeza duma atitude não invasiva, que renova a confiança e o respeito. [...] E quanto mais íntimo e profundo for o amor, tanto mais exigirá o respeito pela liberdade e a capacidade de esperar que o outro abra a porta do seu coração” (AL 99).

A causa de beatificação introduzida para Mamãe Margarida Occhiena ajuda-nos a descobrir ainda mais a sua profundidade na fé, mas também a sua capacidade pedagógica, o seu exemplo de caridade concreta, a sua capacidade de acompanhar os filhos, cada um a seu modo e na própria vocação, a sua dedicação até a cruz ao acompanhar a apoiar Dom Bosco na sua missão, a capacidade de assumir como seus filhos os meninos que a Providência lhe entregará em Valdocco, fazendo-a ser a Mãe de cada um e de todos.

## 1 3 EM VALDOCCO COMO EM CASA

A experiência de João na sua família, brevemente descrita até aqui, marcará indelevelmente **a sua visão de vida e a sua ideia de educação e evangelização dos jovens**. Desde muito jovem, Joãozinho foi educado para ver a realidade com os olhos da fé e, em particular, da fé da mãe.

Na origem dos Salesianos não há uma teoria nem o projeto de um pensador, mas uma história, uma experiência vivida segundo uma especial e concreta docilidade ao Espírito Santo: a de Dom Bosco em Valdocco, em Chieri, no Colégio Eclesiástico, nas prisões... A realidade oratoriana será construída como uma família ao longo dos anos, graças à participação de Mamãe Margarida, precisamente no formato da casa onde mamãe e papai constroem o ambiente familiar vivido na vida de todos os dias. Com o tempo, será o traço característico e perene da espiritualidade/missão salesiana.



Em toda a notável vida de Dom Bosco, uma consideração interessante é reservada à família e a sua preciosa obra educativa e pastoral. As instituições fundadas por ele em favor da juventude pobre e abandonada, reforçando o modelo familiar, **são chamadas de “casas”** e os educadores que nelas trabalham empenham-se na construção de um clima relacional inspirado no “espírito de família”.

São características que vividas quotidianamente nos Becchi marcarão também a casa de Valdocco e o clima salesiano de família que ali se experimentará mediante:

- ▶ **o significado vivo da Providência** que socorre e acompanha a vida quotidiana dos seus filhos e os sustenta nos momentos de dificuldade;
- ▶ **o sentido da Graça** que pode vencer o pecado e sempre encaminhar para o bem;
- ▶ **a caridade concreta** baseada na boa vontade, no esforço e no trabalho, mas também na alegria e na participação;
- ▶ a possibilidade de experimentar e fazer **uso responsável da liberdade**; ser até “saltimbanco”, desde que não cometa pecados;
- ▶ **o cuidado dos outros** como meio quotidiano de fazer o bem, contra o egoísmo e o fechamento sobre si;
- ▶ **a esperança sempre**, mesmo nas dificuldades;
- ▶ **a construção de uma casa e a seriedade do esforço quotidiano**, onde possam conviver várias gerações, com ideias diferentes, estilos diferentes, exigências diferentes, mas todos unidos pela capacidade de socorrer-se reciprocamente, de dar a mão para que também o outro seja feliz, caso contrário “eu não o posso ser”;
- ▶ **o acompanhamento diferenciado** que dá liberdade de ação; que é incisivo nos momentos determinantes; que manifesta presença e não abandono;

- ▶ **o papel do adulto** como acompanhante e **do jovem** como estímulo para novas experiências e novas ideias;
- ▶ **o protagonismo do jovem** por tudo o que isso implica em termos de envolvimento na construção do clima de família e de evangelização. O jovem como evangelizador de outros jovens, que Dom Bosco soube intuir e trazer para a vida quotidiana (por exemplo com Domingos Sávio).

Ele cria em Valdocco um ambiente educativo permeado de relações que se inspiram nas relações familiares, num ambiente de acolhimento e confiança, com espírito de adaptação e pertença, características que marcam a família humana e se tornam para o santo recurso e inspiração na construção da “família oratoriana”.

O ensinamento sobre família apresentado por Dom Bosco tem em vários aspectos um caráter de atualidade, em particular a necessidade de valorizar a contribuição específica que cada um dos pais é chamado a oferecer no interior do casal e na participação nos ideais e tarefas na educação dos filhos, segundo um intercâmbio fecundo de recursos e dons, concentrando-se mais na sacralidade da reciprocidade, para construir uma **aliança de responsabilidades**.

Nas histórias de vida, narradas por Dom Bosco, também se percebe uma continuidade entre a educação recebida pelos jovens em família e a sua formação recebida ao frequentar as casas e escolas salesianas. É o caso, por exemplo de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco (FS, pp. 1075ss.). Entretanto, na história de Valentim, Dom Bosco evidencia por contraste os efeitos da educação cristã recebida no colégio e o influxo dos maus exemplos recebidos na família. Infelizmente, ao final do romance, Valentim é irremediavelmente perdido, demonstrando a marca indelével e dificilmente modificável do que se recebe na família.

O espírito de família em Valdocco dos inícios é fundante tanto da Comunidade Educativo-Pastoral como da mesma Congregação Salesiana e também da Família Salesiana: um processo que produziu bons frutos.

**Concluindo, Dom Bosco inspira-se no modelo familiar** por várias razões. Primeiramente, pela incidência que a experiência familiar teve



na sua formação humana e cristã. Depois, pelas convicções religiosas amadurecidas nos anos de preparação ao sacerdócio, profundamente ancoradas numa ideia de Igreja concebida como a grande família dos filhos de Deus. Enfim, porque no cenário urbano da Turim do seu tempo, João Bosco, já sacerdote, pudera constatar que muitos jovens imigrados para trabalhar nas fábricas estavam praticamente sem família, num ambiente hostil e a eles incompreensível pelos diferentes estilos de vida.

Dom Bosco, educador inteligente e acompanhando os tempos, incansável apoiador da preventividade educativa, está convencido de que **a família é o primeiro e mais importante lugar onde se pode aplicar e viver frutuosamente o Sistema Preventivo**. De fato, o sucesso da educação depende maximamente do esforço dos pais e daqueles que exercem essa missão. É da sua capacidade de testemunhar os valores, da sua habilidade de demonstrar com um diálogo racional e amável as exigências requeridas pelo desenvolvimento integral da pessoa, segundo os ritmos pessoais de crescimento, que se promove o caminho convincente da ação pelo amadurecimento humano e cristão do jovem.

Além disso, o modelo familiar caracteriza a opção do seu sistema educativo por estar atento ao jovem, às suas inclinações, aos valores de que é portador, fazendo vibrar as cordas do seu coração com a doçura e evitando todas as formas de repressão e violência. É um método que privilegia a harmonia entre espontaneidade e disciplina, familiaridade e respeito às regras, liberdade e deveres.

## 1 4

### DEUS TE VÊ, VEJAMOS COMO DEUS

Concluamos este capítulo aprendendo ainda de Mamãe Margarida, mulher forte e cheia de fé, característica importante para o nosso modelo educativo-pastoral salesiano.

Passou à história a frase com que a mãe explicava a Joãosinho a eterna presença providente do Pai: Deus te vê. Não se tratava de uma ameaça, mas do conhecimento de ser guardados e acompanhados por um Pai que nos quer bem e que, portanto, não nos deixa sozinhos. Era, poderíamos dizer hoje, a figura *ante litteram* da **assistência salesiana** que, depois,

Dom Bosco, com o seu olhar “sapiencial” e pastoral, pedirá aos seus sócios em relação aos jovens, porque “assim Deus faz conosco”.

Essa consciência estava tão interiorizada na mente e no coração de Mamãe Margarida que ela já conquistara o equivalente a esta frase, tão típica da sabedoria popular de seu tempo: **não só Deus te vê, mas tu também aprendes a ver como Deus**. Quando explicava a Joãozinho a beleza do céu estrelado ou quando entrevia no relato de um sonho o chamado vocacional, o que era de fato, Margarida testemunhava que compreendia perfeitamente o que significa **a dupla fidelidade a Deus e ao cotidiano**. Não uma dicotomia a ser acoplada, não um estrabismo de projeto que, com dificuldade, temos que reconciliar, como se Deus e o mundo estivessem em dois níveis diferentes, mas a santa naturalidade de quem olha o mundo com os olhos de Deus, os únicos que realmente o veem pelo que é, e revelam a sua bondade e a sua pecaminosidade. Portanto, a fonte, o início e a energia do desenvolvimento do carisma salesiano encontram-se no amor a dois polos indissolúveis: Deus e os jovens, os mais pobres; na entrega total a Deus na missão juvenil e, correspondentemente, na entrega total aos jovens num movimento em direção a Deus.

Mamãe Margarida ensina o que significa hoje fazer discernimento em nossas CEP: saber que Deus nos vê, para depois construir juntos uma visão que também saiba dar-nos os mesmos olhos de Deus para decifrar os sonhos que Ele semeia nos corações de cada um.

Isto sugere que, para a família crescer na confiança nesta antiga e sempre nova perspectiva relacional comunitária, é necessário que nos eduquemos para a **“ética do olhar”**, para a capacidade de dar atenção à realidade que nos envolve, a que não pertencemos apenas no sentido material, mas também no sentido relacional.

## EM SÍNTESE:

- ▶ Vimos neste capítulo, que o vazio paterno na vida de Dom Bosco se transformou em coração fecundo e não em trauma. A ausência do pai levou-o a buscar outras figuras paternas, tornando-o mais consciente das dificuldades e da pobreza dos seus filhos, sendo pai de muitos. Sua experiência familiar marcou indelevelmente a sua visão de vida e a sua ideia de educação e evangelização dos jovens.
- ▶ Nesta perspectiva, desejou-se evidenciar o “empenho” feito por Dom Bosco na família e pelas famílias: Mamãe Margarida, em primeiro lugar, e depois ele mesmo em Valdocco. Ele e sua mãe queriam ser uma família aberta e acolhedora, fundando instituições que, fortalecendo o modelo de família, Dom Bosco chamou de “casas”, envolvendo os educadores na construção de um clima relacional inspirado no “espírito de família”, sendo recurso e inspiração para a construção da “família oratoriana”. É importante para nós sublinhar, mediante esta primeira parte, quão preciosa é esta sua intuição.
- ▶ Dom Bosco queria realizar o que ele mesmo não tivera e isso aconteceu por meio de pessoas concretas. O que permitiu aos Salesianos, sem serem famílias diretas dos jovens, viverem um clima de família. Com efeito, o modelo familiar caracteriza a escolha do seu sistema educativo por estar atento ao jovem, às suas propensões, ao seu contexto.
- ▶ A família fundada por ele em Valdocco, solidária, aberta e acolhedora, não se coloca no centro das atenções, nem serve de referência à realidade, mas é solícita em acolher os problemas e as angústias dos jovens mais pobres e “descartados” da sociedade.



# SISTEMA PREVENTIVO E FAMÍLIA

CAPÍTULO



## SISTEMA PREVENTIVO: EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL E APOSTÓLICA

“O cuidado pastoral da família e dos jovens é de vital importância para toda a Igreja e de particular importância para os filhos de Dom Bosco; de fato, Maria – no sonho de nove anos – indicou os jovens como campo de trabalho” (PGF, pp.15-32).

A experiência espiritual e apostólica vivida no Oratório de Valdocco forjou um modo de ser e fazer, de viver e trabalhar, de comunicar o Evangelho e colaborar na salvação dos jovens, chamado Sistema Preventivo. O modelo educativo-pastoral nele inspirado gira ao redor de um núcleo central: o mundo dos jovens, cuja vida e cultura, como educadores, somos chamados a habitar. Um modelo que, se for privado de motivação ou orientação, perde a sua razão de ser. Então, **a força ou corrente que sustenta este movimento é a caridade pastoral**, centro e síntese do espírito salesiano.

Para Dom Bosco, educar implica que o educador mostre essa disposição especial, essa convicção enraizada: buscar antes de tudo o bem espiritual dos jovens, a sua salvação e o seu bem integral. Dedicando-se totalmente à sua missão, está disposto a pagar o preço e abandonar tudo o mais, *“Da mihi animas, coetera tolle”* (dai-me as almas, levai o resto).

Este lema, que Dom Bosco assume como oração, representa, em nossa opinião, a síntese da sua opção educativa e pastoral fundamental. Toda a sua vida é dedicada ao projeto de ver os jovens crescerem e amadurecerem rumo ao seu destino eterno, entendido em seu sentido mais amplo. Podemos afirmar que a “caridade pastoral” é o serviço educativo-pastoral que os Salesianos oferecem na Igreja às novas gerações.

“Era para ele um amor que se doa gratuitamente, nutrindo-se da caridade de Deus que se antecipa a toda criatura com a sua Providência, segue-a com sua presença e salva-a com a doação da própria vida. Dom Bosco no-lo transmite como modo de viver e trabalhar para comunicar o Evangelho e salvar os jovens, com eles e por meio deles. Impregna o nosso relacionamento com Deus, as relações pessoais e a vida de comunidade no exercício de uma caridade que sabe fazer-se amar” (Const. 20).

Queremos aprofundar nestas páginas a relação entre Sistema Preventivo e família. Sabemos que o amor é o coração do matrimônio e da família e “o ideal cristão, e em particular na família, é o amor apesar de tudo” (AL, 119). Nesse sentido, a Igreja olha para a família como modelo que a inspira a assumir uma dimensão mais doméstica e familiar.

2 2

## A “FANTASIA DA CARIDADE” QUE OBTÉM VIDA NO SISTEMA PREVENTIVO

Os eixos do Sistema Preventivo de Dom Bosco podem ser compreendidos em duas afirmações de forte inspiração cristã: “O Sistema apoia-se todo na razão, na religião e na bondade (*amorevolezza*)”; “A prática desse sistema baseia-se toda nas palavras de S. Paulo: «A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo»” (FS, p. 508s).

A imposição autoritária e a ameaça de castigos deviam ser substituídas pelos métodos da proposta persuasiva do amor, que atrai e visa conquistar corações. Era necessário que a pastoral de Dom Bosco assumisse o rosto do zelo salvífico tornado amável pelos traços da humanidade: simpatia, mansidão, ternura e afeto.

**A caridade educativa revestia-se de “bondade” (*amorevolezza*).** Esse amor pedagógico envolve o desejo e o entusiasmo pela educação; o desejo de trabalhar e conhecer a iniciativas educativas e pastorais; estar disposto e doar-se com espírito alegre; sentir-se atraído por quem mais precisa; considerar proporcionadas todas as adversidades e superar facilmente as pequenas frustrações; enfrentar riscos e dificuldades na relação educativa como se fossem coisas de pouco valor.

Consequentemente, a grande “palavra” de Dom Bosco “*amorevolezza*” (“bondade” na tradução das Constituições), diversamente de outros sinônimos é parte de uma tríade que contém os mais elevados valores humanos e educativos, a razão e a religião. Ela não aparece aí apenas como “meio” pedagógico, mas como verdadeira coluna de sustentação, com as outras duas, de todo o “Sistema Preventivo”.

Para compreender mais profundamente o significado de *amorevolezza*, não só pelo componente afetivo, mas também pelo seu valor pedagógico, é essencial lembrar o que Dom Bosco escrevia nos Artigos Gerais, que precediam o Regulamento para as Casas (1877). Nesse documento muito simples, ele apresenta uma síntese do Sistema Preventivo afirmando que **o educador deve fazer-se amar pelos jovens**: “alcançará este grande objetivo se, com palavras e mais ainda com fatos, mostrar que sua solicitude é dirigida exclusivamente ao bem espiritual e temporal dos seus alunos”; “na assistência, poucas palavras, muitos fatos, e se favoreça aos alunos exprimir livremente os seus pensamentos” (FS, 630).

O valor afetivo dessas palavras torna-se pedagogia quando o mestre compreende que a sua presença não visa apenas controlar e cumprir as regras, dar tapinhas nas costas, mas que está ali pelo jovem, para acompanhá-lo, ouvi-lo e compreender a realidade que ele vive; é a presença ativa de quem pode ver além do corpo, quase como se pudesse ler os pensamentos do jovem, e está pronto a ajudá-lo, abraçá-lo, dar-lhe bons conselhos ou simplesmente ouvi-lo, como poderia fazer o pai ou a mãe; atento à realidade que envolve a vida de seus filhos.

Concretamente, **esta pedagogia da bondade sugere comportamentos na prática educativa** que, segundo uma comprovada experiência familiar, a do Oratório, geram correspondência. Dom Bosco o evidencia e desenvolve amplamente na carta de 1884. Nela ele nos mostra, como um pai, que ama profundamente os seus filhos, faz sentir a sua presença, tornando visível um comportamento fundamental da família, portanto, do Sistema Preventivo. Esse modo de agir se concretiza na capacidade de encontro e na prontidão em acolher em clima familiar. É atuado criando, com dedicação paciente, um ambiente em que a pessoa se sinta inserida e ajudada, um ambiente rico em humanidade onde os valores propostos são assimilados com alegria. Tais atenções falam-nos também da profunda amizade que se estabelece entre educadores e jovens, que desperta confiança e cria uma relação educativo-pessoal prolongada, e isso é o que realmente ajuda o desenvolvimento integral do jovem.

A amizade leva a outra manifestação muito singular da relação educativa: a paternidade. Em outras palavras, **a paternidade espiritual é o prolongamento da paternidade educativa** feita de ensinamentos comunitários, dedicação, presença amorosa, compreensão e cumplicidade. É mais do que amizade. É uma responsabilidade afetuosa e respeitável que



oferece orientação e ensinamento vitais e requer disciplina e compromisso. É amor e autoridade.

“Amar o que os jovens amam”, cuidar deles, porque, como Dom Bosco fez pelos jovens encarcerados, poderiam perder-se caso “ninguém cuide deles”. Para o garoto individualmente, Dom Bosco, confessor e diretor espiritual, é também quem o acolhe com afeto, apoia, instrui e educa, estimula a dar o melhor de si na comunidade e no trabalho quotidiano. Ao seu lado estão assistentes, formadores e jovens amigos com os quais se pode compartilhar a mesma tensão ética, os mesmos valores espirituais, em um intercâmbio dialógico estimulante e fecundo.

2 3

## O ESPÍRITO DE FAMÍLIA E O TESTEMUNHO EDUCATIVO: HERANÇA PRECIOSA

A concepção de família, as suas novas configurações e formas em nosso século 21 não são as mesmas conhecidas por Dom Bosco no século 19; de fato, “a mudança antropológico-cultural influencia todos os aspectos da vida e requer uma abordagem analítica e diversificada” (ALS, 32).

As diferenças entre o tempo de Dom Bosco e o atual podem ser vistas na condição dos jovens, na família, nos costumes, na forma de conceber a educação, na vida social e até na própria prática religiosa. Mesmo assim, a família continua sendo hoje um fator-chave na sociedade e na educação das novas gerações.

Desejando ser fiel à sua vocação, a Congregação Salesiana, iluminada pelo magistério da Igreja e firme na sua rica tradição, é chamada a propor um Sistema Preventivo renovado, para melhor servir aos jovens do nosso tempo, assumindo **um método e um rosto familiar através da convivência e do trabalho conjunto** nas CEP.

Entre as atitudes e mentalidades a converter há a de passar de uma família considerada apenas como destinatária da pastoral à família **sujeito ativo da missão** a ser envolvida na comunidade educativo-pastoral (CG28, 15a).

O Capítulo-Geral 28 (2020) dá voz aos pedidos apresentados pelos jovens e exprime com clareza: “Estamos cientes, enfim, de que muitas vezes não conseguimos captar a verdadeira e própria ‘nostalgia comunitária’ dos jovens e das famílias: pedem-nos tempo e nós lhes damos espaço; pedem-nos relação e nós lhes prestamos serviços; pedem-nos vida fraterna e nós lhes oferecemos estruturas; pedem-nos amizade e nós lhes proporcionamos atividades. Tudo isso nos empenha a redescobrir as riquezas e potencialidades do ‘espírito de família’” (ACG 433, p. 59).

Como educadores, bem conhecemos a importância de criar um clima de família para a educação de crianças, adolescentes e jovens. “Como Dom Bosco, precisamos cultivar também a arte de dar o primeiro passo, eliminando distâncias e barreiras e fazendo brotar a alegria e o desejo de encontrar-se, de ser amigo. Esta arte consiste em criar, com paciência e dedicação, uma atmosfera rica de humanidade, um clima familiar em que adolescentes e jovens se sintam muito livres e capazes de se exprimirem e serem eles mesmos, assimilando com alegria os valores que lhes são propostos. Esta pedagogia do espírito de família é também uma escola de fé para os jovens. Oferecemos amor e acolhida incondicionada, para que possam descobrir progressivamente, a partir da opção de liberdade pessoal, a confiança e o diálogo, assim como a celebração e a experiência comunitária da fé” (ACG 433, p. 20).

Assim, **o espírito de família que caracteriza o Sistema Preventivo:**

- ▶ *crece através de relações significativas* como: paternidade e maternidade pastoral, presença, assistência, proximidade, fraternidade, ajuda, estima recíproca, diálogo, perdão, realismo, clima que cura as feridas, superação de posições ideológicas, projeto unitário;
- ▶ *torna-se visível com propostas reconhecíveis* como um clima positivo, um ambiente que se adequa ao indivíduo e ao grupo, recorrendo à criatividade pastoral que coloca no centro momentos celebrativos e festivos.

Tudo isso se relaciona com a fé numa paternidade maior que garante e fundamenta as nossas relações, para que não se esqueça, mas se confirme, que toda essa bondade relacional não depende do nosso esforço, mas, antes de tudo, da graça.

Acreditamos, em nossa Pastoral Juvenil, que podemos colher algumas oportunidades que a nossa missão educativa nos oferece: de um lado, *possibilitar que jovens e famílias se encontrem* ao redor dos mesmos valores cívicos e espirituais; de outro, *esforçar-se para criar um ambiente oratoriano de família*. Como consequência, “a pastoral tem o dever de realizar, na história, a maternidade universal da Igreja através de gestos concretos e proféticos de acolhimento jubiloso e cotidiano que fazem dela uma casa para os jovens” (FD, 138).

Entendemos propor um ambiente harmônico e harmonioso de pessoas, estruturas, locais materiais, instrumentos e, sobretudo, uma atmosfera capaz de envolver os jovens num intenso clima de família.

“Só será significativa e atraente uma pastoral capaz de se renovar a partir do cuidado das relações e da qualidade da comunidade cristã. Assim, a Igreja poderá aparecer aos olhos deles como uma casa que acolhe, caracterizada por um clima de família feito de confiança e confidência” (FD, 138).

## 2 4

### COMUNICAÇÃO E INTERCÂMBIO INTERGERACIONAL

Outra característica de um Sistema Preventivo renovado é **a comunicação de coração**. Se a educação é uma questão de coração, a comunicação é a linguagem do coração. Ela consiste em dar aos jovens a oportunidade de abrir o coração e comunicar o que vivenciam e sentem, em total liberdade. É comunicação de coração a experiência de se sentir reconhecido, compreendido e apoiado. Quem trabalha no concreto da prática pastoral, do acompanhamento à direção espiritual, da confissão à simples conversa na praça, deve promover esta experiência única e original com cada jovem. Surge então a pergunta: como acompanhar a “revolução” da puberdade e do mundo interior do adolescente, aproveitando as experiências vividas, para ajudar os jovens no processo de amadurecimento?

Da abertura pessoal é necessário **passar à abertura da porta do coração ao outro no respeito das histórias pessoais, das vivências e das gerações**. “Deus ama a alegria dos jovens e convida-os sobretudo à alegria que se vive na comunhão fraterna, ao júbilo superior de quem

sabe partilhar, pois ‘a felicidade está mais em dar do que em receber’ (At 20, 35) e ‘Deus ama quem dá com alegria’ (2Cor 9, 7)”. (CV, 167).

*Chistus Vivit* põe em relação diferentes gerações, em especial, leva a pôr em relação jovens e idosos, valorizando **a importância que a esperança e a memória**, a renovação e a tradição têm no cristianismo.

“Se caminharmos juntos, jovens e idosos, poderemos estar bem enraizados no presente e, daqui, visitar o passado e o futuro: visitar o passado, para aprender da história e curar as feridas que às vezes nos condicionam; visitar o futuro, para alimentar o entusiasmo, fazer germinar os sonhos, suscitar profecias, fazer florescer as esperanças” (CV 199).

Toda casa salesiana, então, deve reconhecer e acolher as **ligações intergeracionais** e, em particular, o dom da sabedoria amadurecida no coração dos avós e dos idosos, salesianos e leigos, presentes em cada uma das nossas casas e que são ocasião para crescer e reforçar o espírito de família.

“Se uma pessoa vos fizer uma proposta – diz Francisco – dizendo para ignorardes a história, não aproveitardes da experiência dos mais velhos, desprezardes todo o passado olhando apenas para o futuro que essa pessoa vos oferece, não será uma forma fácil de vos atrair para a sua proposta a fim de fazerdes apenas o que ela diz? [...] Para isso, precisam de jovens que desprezem a história, rejeitem a riqueza espiritual e humana que se foi transmitindo através das gerações, ignorem tudo quanto os precedeu” (FT, 13).

O reconhecimento recíproco da vivência e do dom educativo, especialmente dos adultos em relação aos jovens com a aceitação de responsabilidades é, de fato, um elemento importante na base do intercâmbio entre as gerações em nossas CEP.

No entanto, há uma primeira reforma real a ser feita por todos, uma verdadeira e própria conversão desde a perspectiva educativa: **promover a educação para a vida comunitária**. Valorizar todas as vocações na Igreja, receber com alegria a contribuição de cada uma pelo bem dos jovens, viver na lógica do intercâmbio permanente de dons, competir na estima recíproca, são ainda metas a cumprir: esta é a arte da corresponsabilidade.

Para a Pastoral Juvenil Salesiana é extremamente importante viver a espiritualidade de comunhão, que deve ser um consenso que permita a continuidade e estabilidade da proposta educativo-pastoral. Consagrados, leigos, famílias e jovens juntos em verdadeira corresponsabilidade apostólica. Trata-se de fazer emergir um estilo relacional muito preciso, a “espiritualidade da relação” (disse o Capítulo Geral 24, realizado em 1996) a ser semeada, cultivada e amadurecida.

Trabalhar em comunhão segundo uma pastoral integrada comporta **algumas conversões pastorais** para transformar os processos:

- ▶ do “fazer para os jovens e suas famílias” ao “fazer com os jovens e suas famílias”;
- ▶ de uma pastoral feita de “eventos avulsos” a uma “pastoral do cotidiano”;



- ▶ da “convocação de massa” ao “acompanhamento individual responsável”;
- ▶ do “sempre se fez assim” ao “pensar juntos segundo o Evangelho”;
- ▶ da “corresponsabilidade executiva” à “corresponsabilidade nos processos”;
- ▶ da “aceitação” dos leigos e das famílias à sua “valorização”;
- ▶ do ver os idosos como descarte, ao encontro de empenho e diálogo entre eles e os jovens;
- ▶ de propostas pastorais exclusivas e constantemente dedicadas aos jovens, a propostas pastorais em que os jovens se insiram com o restante da comunidade.

Em relação a este último ponto, é necessário especificar o quão difuso é o risco de os jovens ficarem sistematicamente separados do resto da comunidade (“Missa para os jovens”, “Missa para as crianças”, “Missa para os adultos”) com o perigo de terminar, com a experiência nos caminhos da pastoral juvenil, também a vida eclesial do jovem. A participação na vida litúrgico-sacramental requer iniciação ao mistério, educação não só para a celebração e a linguagem, sinais e gestos compreensíveis, mas também no sentido de comunidade. Por isso, é preciso consolidar uma prática que possa ajudar a dar passos naturais de inserção no interior da comunidade.

## EM SÍNTESE

- ▶ O evidente paralelismo entre a experiência familiar de Joãozinho e o ambiente familiar criado em Valdocco por Dom Bosco, adulto, sugere-nos algumas riquezas da realidade familiar do carisma salesiano, que hoje com maior conhecimento podemos assumir e buscar. A experiência espiritual e apostólica vivida no Oratório de Valdocco forjou, de fato, um modo de ser e fazer, de viver e trabalhar, de comunicar o Evangelho e colaborar na salvação dos jovens, que foi chamado de Sistema Preventivo e é a fonte de onde brota é a caridade pastoral, “ardor apostólico que nos faz buscar as almas e servir somente a Deus” (Const. 10).
- ▶ Vimos neste capítulo que um projeto pastoral renovador se baseia principalmente no cuidado das relações e na comunicação do coração e, para isso, é necessário abrir para o outro a porta do coração, respeitando as histórias pessoais, as vivências e as gerações.
- ▶ A Congregação Salesiana é chamada a propor um Sistema Preventivo renovado para melhor servir aos jovens do nosso tempo, assumindo um método e um rosto familiar que nos permita viver e trabalhar juntos na CEP. O melhor ambiente educativo para viver em sinergia com as famílias na CEP é justamente aquele que se refere ao modelo de família: ela é a expressão exterior da comunhão interior e carismática, que reproduz a “experiência de casa”, onde os sentimentos, atitudes, ideais, valores são comunicados pelo exemplo e no dia a dia.
- ▶ Viver em família e como família em todos os ambientes não é simplesmente uma opção pastoral estratégica, hoje muito urgente, mas uma forma de realização do nosso carisma e um objetivo a ser privilegiado em nossa missão apostólica que tem como principal objetivo a educação e evangelização dos jovens.





**INVESTIR NA EDUCAÇÃO  
DOS JOVENS**  
PARA CONSTRUIR AS FAMÍLIAS  
DE HOJE E DE AMANHÃ

CAPÍTULO



A comunidade é elemento fundamental para a realização da Pastoral Juvenil Salesiana; ela envolve, em ambiente familiar, jovens e adultos, pais e educadores, **até se tornar uma experiência de Igreja**: uma comunhão que vivencia reciprocamente os vários dons e serviços como realidades complementares ao serviço da mesma missão.

**A Comunidade Educativo-Pastoral é uma das formas, se não ‘a’ forma, com que se concretiza o espírito de família.** Nele, o Sistema Preventivo torna-se operativo num projeto comunitário. Como grande família que se ocupa da educação e da evangelização dos jovens em um determinado território, a CEP é a atualização daquela intuição que, na origem do carisma salesiano, Dom Bosco repetia muitas vezes: *“Sempre precisei de todos”*. A partir dessa convicção, desde os primeiros dias do Oratório, ele construiu ao seu redor uma família-comunidade que não se preocupa com as diferentes condições culturais, sociais e econômicas dos colaboradores e da qual os próprios jovens são protagonistas.

Vimos que Dom Bosco cria ao seu redor, desde os primeiros dias do Oratório, uma comunidade-família em que os próprios jovens são protagonistas. **A CEP é a forma salesiana de estar presente entre os jovens e ser Igreja (QR, 109): ser e viver como uma grande família que age em comunhão, participação e corresponsabilidade, tendo a peito a educação e a evangelização das jovens gerações.**

Hoje, uma das tarefas mais urgentes e primárias da CEP é valorizar a família e apoiá-la, programar com ela em diálogo recíproco. Isso exige uma renovada aliança entre a família e os ‘lugares educativos’ (oratório, paróquia, escola, etc.).

Na práxis educativo-pastoral como na vida familiar, **os processos de educação e evangelização não são abordados nem configurados como caminhos sucessivos que se excluem reciprocamente.** Não se delegam responsabilidades. Educa-se, simplesmente, mas como crentes. Evangeliza-se, mas como educadores, de acordo com a situação dos jovens. As duas dimensões são articuladas de forma livre e flexível, entrelaçando as sugestões do ambiente, o testemunho dos educadores e pais, a escuta dos

questionamentos e inquietações dos jovens, a participação de experiências de vida iluminadas pela fé, a disponibilidade ao empenho no serviço.

Nesta dinâmica intensamente relacional, porém, é necessário sublinhar que **a família continua a ser a primeira e indispensável comunidade educativa**, célula da sociedade e da Igreja. A educação dos jovens é tarefa originária dos pais, ligada à transmissão da vida e primordial em relação à tarefa educativa de outros sujeitos. **O papel da CEP é, portanto, proposto como complementar, não substitutivo do papel educativo dos pais dos jovens.** Deste ponto de vista, portanto, a CEP deve, antes de tudo, comprometer-se a conscientizar os pais sobre sua responsabilidade educativa.

Neste processo de responsabilização somos iluminados pela teologia pastoral, quando afirma que **a família é objeto, contexto e sujeito da ação pastoral.**

Quando nos perguntamos o que podemos fazer pelas famílias, falamos dela como objeto da ação pastoral. Quando nos perguntamos quais são as melhores condições familiares para uma ação pastoral eficaz que inclua uma escuta humilde, com atitude não de sábios / não de especialistas, falamos da família como contexto pastoral. Quando nos perguntamos como ajudar as famílias a se empenharem na evangelização ou na educação dos filhos e jovens da comunidade eclesial, falamos das famílias como sujeito da ação pastoral.

## 3 2

### ÂMBITOS EM QUE ENVOLVER AS FAMÍLIAS

Dado que a ação pastoral se desenvolve num projeto (PEPS) compartilhado e realizado pela CEP, “uma família que educa”, deveria considerar as famílias não só como frente pastoral prioritária a cuidar, mas valorizá-la em espaços concretos onde se projeta a ação educativo-pastoral com os jovens.

Existem, de fato, muitas estruturas dentro das casas salesianas onde a família é chamada a ser protagonista e participante dos processos, a começar pela presença no **Conselho da CEP**. O empenho neste órgão colegiado visa acolher o ponto de vista das famílias e suas vivências na ótica do planejamento e da condução do caminho da CEP.

O Conselho da CEP não é primordialmente um órgão de formação, nem de espiritualidade, nem de estudo, mas o lugar onde se traçam e depois se coordenam e verificam as diretrizes de toda a vida da CEP. A fisionomia de uma obra salesiana viva e corresponsável expressa-se de maneira concreta neste Conselho, que precisa de um elevado grau de diálogo e colaboração entre as várias forças que o compõem.

É também desejável um envolvimento sempre mais participativo da família na **reflexão e elaboração do Projeto Educativo Pastoral Salesiano (PEPS) local**, para que a família seja beneficiária como sujeito e não apenas objeto da programação da Pastoral Juvenil Salesiana.

A CEP, vista como o contexto em que se vive o relacionamento com as famílias e o seu envolvimento, requer uma renovação de mentalidades e atitudes e a promoção de áreas concretas de corresponsabilidade, participação e colaboração. Associações de Pais, Grupos Familiares, Projetos de colaboração escola-família e outras iniciativas, podem ser estruturadas de acordo com uma ampla gama de propostas com diferentes ênfases: caritativas e de serviço, formativas, espirituais e de oração, educativo-pastoral. Cada ação, com as suas especificidades, é chamada, contudo, a ser sinal e estímulo para os jovens e introduzir na proposta formativa um estilo mais fraterno de relações pessoais que revelem a dimensão familiar da CEP e da Igreja.

### 3 3

## A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA NA CEP

Essa reflexão leva-nos a interrogar-nos sobre a originalidade da família no interior da CEP. A família pode ocupar um lugar específico e para isso devemos buscar sinergias e pontos de encontro; é importante evidenciar **a contribuição peculiar da família no interior do entrelaçamento de vocações que é a Comunidade Educativo-Pastoral**.

Com efeito, cônjuges, leigos e consagrados, são chamados a iluminar a proposta educativo-pastoral a partir da sua vocação específica e complementar. Só este estilo de comunhão íntima pode gerar pessoas adultas na fé, capazes de ser responsáveis pela vida dos outros. Por isso, a ação dos vários componentes da CEP não pode se limitar apenas

às actividades educativo-pastorais, mas deve centrar-se na dimensão vocacional, o aspecto original e fundamental da pastoral juvenil salesiana.

Todo ser humano é chamado a construir uma vida cheia de sentido e orientada à verdadeira felicidade. Dom Bosco dizia aos seus meninos que os queria “felizes no tempo e na eternidade”. Tudo isso só pode ser alcançado se nos deixarmos iluminar pelo amor, aquele amor que, reforçado pela veste batismal, chama todos os homens à santidade.

Levando isso tudo em consideração, a contribuição da vocação familiar, de paternidade e de casal pode ser identificada em pelo menos três temas centrais: **amor, vida e educação**.

Se o próprio vocacional da família é o amor entre duas pessoas que se amam e decidem trilhar um caminho de vida comum, a vida e a educação serão as contribuições específicas da família para enriquecer a Comunidade Educativo-Pastoral e o seu Projeto Educativo Salesiano. Trata-se, em poucas palavras, de *fazer cruzar e entrelaçar-se de maneira sábia e criativa os quatro pilares do carisma salesiano*, bem sintetizados no critério oratoriano *com essas três dimensões da vida familiar*: casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida e pátio para se encontrar com os amigos.

3 3 1

### *Originalidade e beleza da família: vocação ao amor*

A contribuição estratégica das famílias concretiza-se primeiramente no âmbito da educação ao amor: educação afetiva e doação recíproca. Educar significa formar os jovens para compreenderem que o dom de si é o objetivo da sua vida, que o verdadeiro adulto é aquele que reconhece a graça recebida para, depois, procurar doá-la dando a vida pelos outros. Antes de tudo, é fundamental partir da **vocação ao amor**, porque “não poderemos encorajar um caminho de fidelidade e doação recíproca, se não estimularmos o crescimento, a consolidação e o aprofundamento do amor conjugal e familiar” (AL, 89).

Dom Bosco experimentara que a formação da sua personalidade estava vitalmente enraizada no clima extraordinário de abnegação e bondade (“dom de si”) da sua família nos Becchi e quis reproduzir as suas qualidades mais significativas entre os jovens pobres e abandonados no Oratório de Valdocco.

Além disso, a complementaridade entre o estilo materno e paterno (que, admiravelmente, queremos recordar de novo, Mamãe Margarida soube viver e compensar de algum modo com a sua sabedoria evangélica) é certamente relevante para uma boa educação, em que são necessários o acompanhamento materno e a comunicação paterna.

**A família é convidada a valorizar algum tempo, defender algum espaço, planejar alguns momentos para “celebrar o amor”.** O verdadeiro protagonista, portanto, não é o amor em si mesmo, mas as pessoas, jovens e adultas, que aprendem a amar, se aceitar e se deixar acompanhar. Essa grande obra não é “temporária”, embora precise de tempo, não se alimenta de prazos, mas de esperança e de coragem.

Nessa ótica é preciso **educar os jovens a abandonar-se ao amor** tendo como exemplo a própria família e o princípio oratório de “uma casa que acolhe”.



### *A família: berço e santuário da vida*

Em segundo lugar, o amor torna-se fecundo. Falar de família significa relembrar uma característica fundamental: **antes de tudo somos filhos**. Como *Francisco* disse na audiência-geral em 18 de março de 2015, isso sempre nos leva de volta ao fato de que “a vida não no-la damos sozinhos, mas recebemo-la. **O grande dom da vida é o primeiro presente que recebemos**”. O amor é sempre e absolutamente o lugar da fertilidade e da possibilidade de gerar: a configuração biológica do homem e da mulher exprime precisamente uma predisposição original para dar vida.

Como fundamento de toda família está o pacto do matrimônio, numa profunda aliança conjugal de serviço à vida. O seu amor recíproco é confirmado pela respectiva paternidade e maternidade, que os constituem colaboradores da admirável força criadora de Deus. A aliança conjugal implica o pleno e irrevogável “dom de si”, um ao outro. **Essa paternidade e maternidade na família representa uma tarefa e também uma responsabilidade espiritual**. O amor de Deus é um amor criativo e vivificante. Jesus, fonte mesma da vida (Cf. Jo 11,25; 14,6.), em toda a sua existência terrena, jamais se cansa de dá-la e regenerá-la, chamando a uma nova vida todo homem e toda mulher que encontra. Do mesmo

modo, os esposos se regeneram mutuamente através do amor e juntos dão vida aos filhos e ao mundo.

“O amor sempre dá vida. Por isso, o amor conjugal não se esgota no interior do próprio casal (...). Os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe” (AL, 165). No entanto, a Igreja conta na sua maternidade espiritual com muitas famílias que, sem necessariamente se expressarem na procriação de um filho, vivem a sua perfeição ou o seu caminho de santidade no apoio recíproco e na abertura generosa e paterno/materna para proteger e cuidar da vida de muitos outros além de si mesmos.

Na riqueza da Igreja, que obviamente também comporta um nível de fecundidade espiritual (cf. 1Cor 4,15), a família continua a ser o núcleo generativo por excelência, não limitando o seu campo de ação às relações parentais, mas estendendo-o além delas como resposta coerente à própria missão. O testemunho familiar torna-se semente preciosa para o discernimento vocacional dos jovens, apoio e esperança para outras famílias, diálogo e partilha com as pessoas chamadas à vida consagrada.



### *Um caminho educativo dentro e fora de casa*

Viver a experiência da interdependência entre as pessoas, descobrir-se reciprocamente necessários na sociedade, significa tomar consciência **desta experiência educativa** através do ser “um para o outro”. “Deus confiou à família o projeto de tornar ‘doméstico’ o mundo, modo que todos cheguem a sentir cada ser humano como um irmão” (AL, 183). Essa tomada de consciência é a base que permite construir a sociedade através do quotidiano das relações. A família é uma viagem atribulada, portadora de valores educativos e de cultura da solidariedade nos diversos contextos em que vivem crianças, adolescentes e jovens.

Os caminhos de crescimento para a vida adulta parecem hoje menos inequívocos e lineares, condicionados pelas múltiplas transformações e pelos ritmos frenéticos que caracterizam o contexto em que estamos imersos. No interior dessa complexidade, as crianças, depois adolescentes

e jovens, observam e encontram os seus próprios modelos de referência numa galeria heterogênea que apresenta, põe em cena e transmite diversos conteúdos e dimensões de valores. São muitos os modelos e que os jovens se inspiram, referências que estimulam comportamentos, expectativas e desejos. A presença concreta e real das famílias na Comunidade Educativo-Pastoral recorda-nos **o peso formativo da família dentro e fora de casa** e que os pais são sempre os primeiros educadores dos filhos.

- A.** Educar hoje é fazer com que os jovens sejam capazes de entender quem devem ser, ajudando-os a se orientarem num território desconhecido que lhes causa sempre mais ansiedade, desconforto, medo. Mediante uma comunicação acolhedora e a participação em relacionamentos verdadeiros, *a família é certamente o espaço interpessoal onde se percebem, mas sobretudo se vivenciam valores e onde se desenvolvem elementos fundamentais da personalidade, tomando consciência do sentido da vida e da confiança no futuro.*

A proposta de fé não deve ser estranha no interior desse caminho de crescimento, mas uma proposta imprescindível para a educação integral da pessoa. Ela se orienta para ajudar os filhos a superarem o seu egocentrismo, tornando-se capazes de escolhas razoáveis feitas por meio de uma crescente capacidade crítica diante dos modelos dominantes de vida; despertando nos jovens o amor pela verdade; experimentando e compartilhando comportamentos cristãos orientados para o amor a Deus e ao próximo.

- B.** A dimensão educativa, porém, o “cuidar” do outro, amplia o horizonte de sentido e ultrapassa a esfera intrafamiliar, abrindo-se para a esfera extrafamiliar. Nesse sentido, *a educação familiar vê-se empenhada num desafio central para o futuro: educar “cidadãos honestos”,* ou seja, possibilitar uma cidadania ativa em que os nossos jovens sejam cidadãos ativos, responsáveis e solidários. O empenho quotidiano da família para a formação das jovens gerações na cidadania ativa passa pela valorização da educação intercultural e da paz, do respeito pelas diferenças e do diálogo entre as culturas, do apoio na aceitação de responsabilidades como também da solidariedade e do cuidado dos bens comuns e da consciência dos direitos e deveres.



“Não devemos pensar, escreve *Francisco*, que Jesus fosse um adolescente solitário ou um jovem fechado em si mesmo. A sua relação com as pessoas era a dum jovem que compartilhava a vida inteira duma família bem integrada na aldeia”. O Papa faz notar que Jesus adolescente, “graças à confiança que n’E-le depositam seus pais, Jesus move-Se livremente e aprende a caminhar com todos os outros”. Estes aspectos da vida de Jesus não deveriam ser ignorados na pastoral juvenil, “para não criar projetos que isolem os jovens da família e do mundo, ou que os transformem numa minoria seleta e preservada de todo o contágio”. São necessários, porém, “projetos que os fortaleçam, acompanhem e lancem para o encontro com os outros, o serviço generoso, a missão” (CV, 26-30)

Não podemos negligenciar a educação integral da família, sendo corresponsáveis no acompanhamento e educação dos jovens que cultivam em si o amor à justiça, à igualdade e à fraternidade. A preocupação com o bem comum e a verdade são também eixos em que o matrimônio futuro e a família estável transformarão o cuidado pelo amor para fora dela, um aspecto que contribui para sua estabilidade na medida em que se doam livremente aos outros.

**Essa coerência educativa em nível interior e exterior** requer necessariamente a presença de adultos maduros e confiáveis. De fato, diante da grande complexidade e indefinição da adolescência, o mundo dos adultos parece igualmente desorientado, tanto que, mais ou menos conscientemente, vai abdicando do seu papel educativo. Como diz o psicoterapeuta Recalcati: “os adultos parecem ter-se perdido no mesmo mar em que se perdem os seus filhos”.

3 4

## PASTORAL JUVENIL SALESIANA E FAMÍLIA: ENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO NO PEPS

Fizemos no capítulo anterior uma breve reflexão sobre as “Memórias do Oratório”, documento escrito e publicado pelo próprio Dom Bosco, que se tornou um documento-guia fundamental na vida das nossas casas.

Queremos aprofundar agora um pouco mais a sua importância, pois é nele que Dom Bosco dirige a sua atenção aos jovens que encontrava durante o dia em Valdocco para diversas atividades recreativas, culturais e religiosas, e que ali residiam ainda antes do início das oficinas e escolas internas. Ele quis propor, com este texto, não tanto um conjunto de normas, mas um autêntico projeto de vida tanto para os jovens como para os educadores, criando assim, ousaríamos dizer, o primeiro projeto educativo; uma convergência operativa que se concretizará definitivamente de acordo com a sua visão originária de oratório; uma compreensão do que era o Sistema Preventivo para São João Bosco e como ele poderia ser realizado nas obras salesianas.

Com outros termos, **o Projeto Educativo-Pastoral Salesiano, antes de ser um texto, é um processo comunitário que tende a gerar na CEP uma confluência** ao redor de critérios, objetivos e linhas comuns de ação. O PEPS cria e reforça na CEP a consciência da missão comum e aprofunda a vocação educativo-pastoral a compartilhar e verificar continuamente.

Planejar não só ajuda a orientar e monitorar continuamente a ação pastoral, mas também se torna um **processo de identificação da comunidade** sempre mais inculturada e consciente dos desafios que o tempo e o território representam. Por isso, é imprescindível que a família e, portanto, as famílias, na sua concepção e desenvolvimento, sejam incluídas como sujeito passível de uma contribuição original e destinatário de cuidados e atenção especiais: **um planejamento participativo com e para as famílias.**

O Projeto Educativo-Pastoral Salesiano é chamado a levar em consideração, tanto em nível local como inspetorial, todas as possíveis oposições à participação e integração das famílias no PEPS, onde a proposta se estrutura em torno de ações que veem a família como protagonista em favor dos jovens. **A seguir, desenvolvemos algumas dessas intervenções a serem avaliadas na realização do PEPS.**



### *Uma pastoral juvenil que gere adultos na fé e na vida*

Ao percorrer de novo a história de cada casal e de cada família, encontramos orientações e indícios para compreender o significado da espiritualidade

conjugal que não é abstrata, mas encarnada na experiência cotidiana. Sinal tangível dessa dimensão é evidenciado na **oração em família como expressão e alimento** da íntima comunhão de vida e de amor que define a aliança conjugal e anima a comunidade familiar.

A pedagogia ensina-nos que a experiência de fé vivida pelos filhos através dos pais, catequistas e educadores desempenha muitas vezes um papel decisivo no desenvolvimento posterior de sua dimensão religiosa. Não se pode esquecer que **a irradiação do cristianismo primitivo se deu através da rede de famílias**, e que ainda hoje a integração entre fé e vida é o caminho mais autêntico para o amadurecimento da pessoa. Devemos evidenciar que, em muitos pais cristãos, a consciência de serem responsáveis pela educação cristã de seus filhos vai se tornando madura mediante a Palavra, a narração, o testemunho, a oração.

A vida conjugal e familiar, vivida segundo o plano de Deus, constitui por si só um “Evangelho”, no qual os filhos podem “ler” o rosto de Deus, o seu amor pela humanidade, o amor paciente, gratuito.

Através de gestos de amor, perdão, acolhimento e solidariedade dos esposos e da família, “igreja doméstica”, o próprio Senhor fala, acolhe, perdoa, ama os homens de hoje e se solidariza com eles. A ação educativa dos pais só pode atestar de forma persuasiva uma imagem religiosa da existência, na medida em que a vivam. *Os cônjuges cristãos são testemunhas da fé um para o outro, para os filhos e, enfim, para todos os demais membros da família.* Alguém é e se torna testemunha com uma vida coerente em relação ao que professa, com um estilo marcado pela luz da vida cotidiana. A família é a personificação do amor único de Deus pela Igreja.

Embora seja essencial esperar que pais claramente cristãos acompanhem o crescimento de sua experiência de fé, não podemos ignorar os muitos casais não casados, os casamentos em que não houve uma herança de fé ou em que a fé abandonou os espaços institucionais, os que vivem em situações nas quais as sementes da Palavra não lhe são estranhas, mas esperam e vivem os valores do Evangelho de Jesus. Para essas famílias que podem ter perdido a vitalidade e que a Igreja pede para não serem abandonadas, também é possível construir um caminho de fé para si e para seus filhos neles e com eles (cfr. AL, 78-79).

Nesse sentido, perguntemo-nos como os nossos Projetos educativos-pastorais, desejosos de evangelizar os jovens **através de diversas mediações educativas**, possam motivar, acompanhar e ajudar as famílias a darem a própria contribuição específica no desenvolvimento da questão religiosa dos filhos.



### *Uma pastoral juvenil com dinâmica vocacional integral*

Esclarecido que a esfera vocacional não pode ignorar as relações familiares e, do ponto de vista eclesial, **não pode estar separada dos itinerários da pastoral juvenil**, leva-nos a evidenciar dois riscos que, em todo caso, podemos correr em nossa ação pastoral.

- A. O primeiro é pensar a pastoral juvenil como um itinerário sem fim, que recicla as pessoas no seu interior sem uma perspectiva de saída clara e consciente para a idade adulta, transcurando também o enfrentamento de um sério discernimento vocacional.

O Sínodo dos Bispos sobre “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” pediu em todos os seus documentos para **qualificar em ótica vocacional toda a pastoral juvenil** e alargar pastoralmente os espaços da animação vocacional, abrangendo também a vocação familiar.

- B. O segundo é o de uma animação vocacional ambígua que não leve em consideração uma proposta vocacional completa, mas concentrada apenas nas chamadas vocações “de especial consagração”, ou à vida religiosa e ao sacerdócio. Há, certamente, uma especificidade própria nessas opções de vida, que requer cuidado e atenção especiais, que, contudo, não deve pensada de forma exclusiva e excludente, mas no interior de uma dinâmica vocacional integral e integrada que tem como elemento de fundo a vocação ao amor. Na encíclica “Amoris Laetitia” encontramos que **o matrimônio é uma vocação autêntica e original**; é, em particular, a vocação dos esposos para serem portadores do dom do amor que Cristo crucificado faz à sua Igreja. É, portanto, verdadeiro chamado de Deus, “fruto de um discernimento vocacional” (cf. AL, 72).

Neste âmbito, o grande desafio que temos à frente é o de criar uma **cultura vocacional** em todos os ambientes, segundo o espírito de família, de modo que os jovens descubram a vida como chamado, dom, vocação ao amor e que toda a pastoral salesiana seja realmente vocacional (cf. CV, 254).

A Pastoral Juvenil Salesiana atua para colaborar no amadurecimento da fé e da vida, e, por isso, ajuda os jovens a confrontar-se com pessoas que alcançaram a maturidade vocacional nos diversos estados de vida cristã.

A pastoral juvenil é chamada, então, a **reprogramar-se em sentido vocacional**, insistindo também na sua ligação com a família, tanto iniciando a pastoral com crianças e adolescentes, como completando seus itinerários na entrada e na saída. Na entrada, porque a pastoral juvenil recebe seus sujeitos desde as idades anteriores à juventude, ou desde a infância, puberdade e adolescência. A infância e a puberdade veem a família e os relacionamentos primários como protagonistas quase absolutos, e a adolescência geralmente marca o momento de desafios individuais e de contestação com a vida familiar. Na saída, porque os sujeitos que estão terminando a passagem da idade juvenil e os jovens adultos, na grande maioria dos casos, são chamados a viver a sua vocação cristã através da criação da própria família. Por isso, é normal pensar que uma das tarefas fundamentais da pastoral juvenil seja incentivar os jovens a assumirem a responsabilidade pela vida adulta, que se especifica de maneira privilegiada na assunção da responsabilidade familiar.



### *Uma pastoral juvenil que cuida dos jovens com “pobrezas familiares”*

Na origem do carisma está o cuidado de São João Bosco pelos jovens sem família de Turim. Ao redor deles Dom Bosco soube criar uma “família de adoção”, capaz de dar-lhes o amor e a educação necessários para reabilitá-los no crescimento pleno e maduro.

Ainda hoje, em muitas partes do mundo, a pastoral juvenil salesiana lida com jovens que não mantêm ou não podem manter vínculos com a família de origem e também se esforça sempre mais para garantir uma intervenção

educativa que leve em consideração a família do jovem como possível aliada e parceira.

A tradição salesiana afirma que Dom Bosco, tendo compreendido a importância da família na educação dos jovens, organizou a sua obra educativa, desde o início, como uma **família para os jovens sem família e “uma paróquia para os jovens sem paróquia”**.

Nos memorandos que apresentava à Santa Sé para obter a aprovação da Congregação Salesiana, Dom Bosco sempre evidenciava: “Esta Congregação, em 1841, não era mais do que um catecismo, um local de recreação nos dias festivos, ao qual, em 1846, se acrescentou um internato para aprendizes pobres, formando um instituto privado, segundo os moldes de uma família numerosa” (FS, p. 141).

Do ponto de vista carismático, permanece a necessidade de uma concentração específica na família, porque muitas vezes **a pobreza material, cultural, moral, espiritual e, às vezes, até mesmo a “pobreza familiar”**, estão intimamente ligadas a problemas familiares.

A realidade social que vivemos hoje leva em conta essas misérias, visto que existe um segmento da sociedade que se depara com a *realidade de viver sem família e/ou em casas muito pobres*. Tudo parece indicar que essa tendência é bem conhecida: crianças que ficam sem pais desde muito jovens; filhos únicos que devido à imaturidade afetiva não resolvida não terão uma família própria, chegando sozinhos à velhice; famílias dispersas, cujos membros moram a milhares de quilômetros de distância; famílias que se separaram em decorrência de episódios de violência.

Porque “é mais profundo de quanto pensamos – disse Francisco na audiência de 28 de janeiro de 2015 – **o sentido de orfandade** que vivem tantos jovens. São órfãos na família, não dão aos filhos, com o seu exemplo acompanhado pelas palavras, aqueles princípios, aqueles valores, aquelas regras de vida das quais precisam como do pão. A qualidade educativa da presença paterna é tanto mais necessária quanto mais o pai é obrigado pelo trabalho a estar distante de casa. Por vezes parece que os pais não sabem bem que lugar ocupar na família e como educar os filhos. E então, na dúvida, abstêm-se, retiram-se e descuidam as

suas responsabilidades, talvez se refugiando numa relação improvável «ao nível» dos filhos. É verdade que deves ser «companheiro» do teu filho, mas sem esquecer que és o pai! Se te comportas só como um companheiro igual ao teu filho, isto não será bom para o jovem. E vemos este problema também na comunidade civil [...]. *Órfãos de caminhos seguros para percorrer, órfãos de mestres nos quais confiar, órfãos de ideais que aqueçam o coração, órfãos de valores e de esperanças que os amparem diariamente.* Talvez tenham ídolos em abundância, mas é-lhes roubado o coração; são estimulados a sonhar divertimentos e prazeres, mas não lhes é dado trabalho; são iludidos com o deus dinheiro, mas são-lhes negadas as verdadeiras riquezas”. Jesus fez uma promessa aos seus discípulos: «Não vou deixarei órfãos» (Jo 14,18)”; a nós é pedido para deixar órfãos os jovens e dar-lhes uma família; dar-lhes uma comunidade em que haja adultos acreditados capazes de fazê-los crescer com “verdadeira força generativa”.

A pastoral juvenil salesiana é chamada, então, a cuidar dos jovens mais necessitados, mas também das suas famílias “distantes” ou “carentes” com uma **abordagem fiel ao carisma e, portanto, preventiva e missionária**. Uma abordagem que seja capaz de fazer crescer a solidez afetiva e educativa das famílias, protegendo-as de rupturas e abusos, e missionária para ser capaz de sair ao encontro das realidades familiares dos jovens na situação e condição em que realmente vivem, procurando acompanhá-los com paciência, prudência e amor.

Precisamos ativar uma **pastoral**, chamada em sentido teológico “**de adoção**” (expressão do americano Chap Clark, conhecido docente e consultor); pastoral que propõe criar comunidades capazes de acolher todo adolescente, jovem e adulto para que todos saibam que têm uma casa... um lugar onde possam descobrir quem são e onde possam oferecer a própria contribuição. Com outros termos, uma família, uma comunidade onde se respira um *ethos* de reciprocidade familiar, se aprende “a proximidade, o cuidado, a saudação” e se reconhece que vivemos com outros “que são dignos da nossa atenção, da nossa gentileza, do nosso afeto” (AL, 276).

A caridade pastoral do Sistema Preventivo de Dom Bosco, aplicado no cuidado da família, não é um sentimento ou um simples ato do espírito, mas uma atitude precisa, que envolve decisão e maturidade. Uma caridade tenaz, resistente, capaz de obter e manter, de apoiar e acariciar.



### *Uma pastoral juvenil que acompanha o amor dos jovens casais/famílias*

**Atenção específica deve ser dada aos jovens casais/famílias**, a começar do acompanhamento dos noivos, dos casais de jovens esposos, dos pais, que nos primeiros anos de vida dos filhos precisam ser particularmente ajudados a assumirem responsabilmente o dom e a missão educativa, sem se esquecer de todos os jovens que estão criando família ainda sem o vínculo do sacramento do matrimônio. Em todos estes casos, trata-se de fases delicadas da vida pessoal e conjugal, em que é oportuno garantir o acompanhamento específico de toda a comunidade, tanto dos casais e dos adultos solteiros, como das pessoas consagradas.

É obviamente oportuno interagir e unir-se às iniciativas tradicionais de muitas propostas concretas ativadas no território como, por exemplo, os itinerários de preparação ao matrimônio.

Os casais jovens não são apenas objetos da pastoral, mas também sujeitos da pastoral em geral e da pastoral juvenil em especial. A formação na vida conjugal e familiar, mesmo no interior dos “cursos de pastoral juvenil”, pode encontrar nestes casais – pelo menos nos mais sólidos, formados e comprometidos – um recurso único. Eles, de fato, também jovens, podem oferecer-se a outros jovens como **testemunhas de uma experiência capaz de suscitar identificação e imitação.**

Os dois Sínodos dedicados à família falaram de uma **preparação remota, próxima e imediata para o matrimônio**. Essa subdivisão, já indicada pelo magistério de João Paulo II, tem um propósito puramente prático-explicativo, visando enfatizar a complexidade das etapas de amadurecimento da vida afetiva das pessoas e a importância do acompanhamento específico e adequado em cada uma delas. Não é necessário dizer que seria um grave erro delegar a cada um dos setores pastorais o cuidado de um itinerário tão decisivo para a construção da história de cada pessoa. É necessário, pois, que a pastoral juvenil e familiar, iluminada pela perspectiva vocacional, colabore para favorecer opções de vida maduras e conscientes.

Esse itinerário pode ser representado com a imagem do funil e, portanto, com uma progressão cada vez mais rigorosa e claramente endereçada.



Começa-se com uma preparação remota, que ajuda a entrar sempre mais conscientemente, desde a mais tenra idade, na esfera afetivo-relacional através, antes de mais, da experiência familiar, e completada por outras relações com figuras significativas do ponto de vista educativo. Sucessivamente, a preparação imediata centra-se no tema da opção, e aqui a intersecção com a esfera vocacional torna-se sempre mais íntima e vinculante. Para a eficácia desta delicada passagem, é absolutamente necessário incentivar os itinerários sobre o noivado e o exame da própria opção vocacional. Por fim, como preparação imediata, são exploradas todas as questões relacionadas ao matrimônio e à construção de uma família.

Neste contexto, **a pastoral sacramental** assume uma importância especial. Na medida do possível, essa preparação deve incluir itinerários específicos que incluam momentos de encontros pessoais e comunitários, nos quais sejam envolvidos vários casais, com o objetivo de favorecer os que participam de um despertar, de um exame, de um aprofundamento da própria fé e vocação. Grande atenção deve ser dada às famílias, agora numerosas, que enfrentam a opção sacramental depois de anos de convivência, muitas vezes acompanhadas da presença de filhos. Neste último caso, a própria presença dos filhos e a consciência de viver a maternidade e a paternidade responsáveis podem ser de grande ajuda como coroamento da sua resposta a uma vocação de amor e acolhida na fé do dom que Deus confia à sua responsabilidade.

Todas essas passagens não só se conectam e se alimentam reciprocamente, como devem ser abraçadas por uma comunidade educativa e pastoral que se responsabilize pela pessoa na complexa relação de todas as suas dimensões, em todas as fases de crescimento, inclusive a delicada transição, particularmente cara ao carisma salesiano, entre a juventude e a idade adulta. Tudo isso deve ser levado em consideração: trata-se do apelo a criar em cada CEP um clima de família, acolhimento e fé, um espaço adequado para a descoberta e orientação das vocações, tudo no âmbito de atuação do PEPS.

**Os primeiros anos do matrimônio**, além de serem decisivos para todo o caminho conjugal e familiar, são para muitos jovens casais um tempo de iniciação e adaptação tanto no que se refere à experiência do amor conjugal quanto ao encontro com a vida nova do filho. Com frequência, também se deparam com problemas e dificuldades de trabalho e moradia, com a dificuldade para ter filhos. São ricos em recursos porque

são os anos de entusiasmo, dos primeiros passos de uma vida a dois, de serenidade, de uma intimidade buscada e vivida com equilíbrio, da resposta ao desejo de realizar projetos e sonhos há muito acalentados, da abertura de novas perspectivas também em relação ao crescimento na fé, da alegria e da responsabilidade ligadas à procriação de uma nova vida, da percepção do dom constituído pelo filho e da dimensão religiosa inscrita na sua geração.



### *Uma pastoral juvenil que educa à afetividade e às relações*

O mundo dos afetos requer ser formado e, por assim dizer, “refinado” por uma ação educativa que não passa tanto através de conceitos a inculcar, mas por experiências a compartilhar. Para o desenvolvimento de qualquer vocação é indispensável uma boa e constante formação ao amor. **Para acompanhar os jovens ao amadurecimento afetivo, é necessária uma comunidade inteira.**

Em particular, os esposos com o próprio caminho de vida e de fé, explicitado no interior do carisma salesiano, são chamados a testemunhar o amor como dedicação de si ao outro; a testemunhar o contexto afetivo em que se vive a primeira experiência de amor e afeto relacional e se constroem os primeiros alicerces para o desenvolvimento afetivo em relação a si mesmo e aos outros; por isso a educação afetiva, a educação para o amor e a sexualidade e o dom recíproco de si começarem no ambiente familiar. A educação sexual primeira e fundamental oferecida aos jovens costuma ser realizada a partir do testemunho das pessoas que com eles se relacionam, ou seja, daquilo que transmitem com suas vidas.

Nossa tarefa é, portanto, ajudar os jovens a compreenderem que o amor transcende o romantismo e pode galgar diferentes níveis relacionais, como os de amizade e também pode ser evidente nas ações e nos comportamentos altruístas. Não se nutre, portanto, de perfeição, mas precisa de uma prática longa e paciente, que exige entusiasmo e vontade de avançar, conhecer-se e acolher-se, crescer, perdoar-se, recomeçar, envolver-se continuamente, deixar-se acompanhar e ser acolhido pelos outros.

Não pode faltar uma referência à cruz. A cruz é o leito do Amor perfeito. *Francisco*, no *Ângelus* de 20 de junho de 2020, recorda que “Não existe amor verdadeiro sem cruz, isto é, sem um

preço a pagar pessoalmente. E o dizem muitas mães, muitos pais que se sacrificam tanto pelos filhos e suportam verdadeiros sacrifícios, cruces, porque amam”. “Quem não toma a sua cruz e não me segue não é digno de mim” (Mt 10,38).

Hoje vivemos imersos num horizonte cultural que, em nome de um conceito enganoso de liberdade, nos leva a considerar separadamente as várias dimensões da pessoa. O grande desafio é propor a vocação ao amor em sua complexidade relacional de corpo, alma e espírito. De modo especial, o aspecto corporal corre o risco de ser compreendido segundo modelos degradantes de eficiência, ligados à imagem e ao desempenho, perdendo completamente de vista a função identitária que revela como cada mulher e cada homem, na sua diferença e complementaridade, foram feitos para a comunhão e a doação. A perspectiva para enquadrar corretamente a sexualidade só pode ser, então, a da castidade, entendida não tanto como renúncia estéril e sem significado, mas como *aquisição da capacidade de doação e responsabilidade, de passagem da ótica do egoísmo e da posse à de abertura ao outro e de oblatividade*.

A última etapa necessária é uma referência à **adolescência, fase delicadíssima e de transição**. Se quando falamos em puberdade temos “balizas” biofísicas bastante precisas, que individualizam como orientação o período entre 11 e 13 anos como auge, posteriormente entramos num mundo cada vez mais difícil de definir: o da adolescência. Certamente continua a ser uma idade em que os jovens manifestam uma ambivalência de sentimentos: desejo de autonomia e autenticidade pessoal, curiosidade intelectual em que se expressa a necessidade profunda da verdade. Resta um período de vida caracterizado pela coexistência de emoções fortes e conflitos intensos, que, para ser vivenciado como qualquer outro processo de “transição”, precisa de adultos qualificados, conscientes do próprio papel, mesmo quando devem dizer “não”.



### *Uma pastoral juvenil que favoreça a família como “hospital de campanha”*

A pastoral juvenil salesiana é chamada a promover um **apoio recíproco entre as famílias**, através de estruturas e redes de solidariedade que a Comunidade Educativo-Pastoral cria e encontra no território.

“Para que a família se transforme mais numa verdadeira comunidade de amor, é necessário que todos os membros sejam ajudados e formados para as responsabilidades próprias diante dos novos problemas que se apresentam, para o serviço recíproco, para a participação ativa na vida da família” (FC, 69a).

A família, enquanto núcleo fundante da sociedade, pode e deve desempenhar um papel precioso e, em muitos aspectos, insubstituível na solidariedade para com os outros. Além da tarefa de ajudar e apoiar os seus membros que se encontram sem trabalho ou em situação de precariedade, é fundamental o empenho que a família é chamada a fazer face as múltiplas situações de pobreza e privação que envolvem sempre mais pessoas. No interior da CEP, as famílias, também por meio de um estilo de vida sóbrio e com base em modelos de consumo que respeitem a dignidade de todo ser humano, são as mais indicadas para testemunhar essa *capacidade específica de atendimento e atenção aos necessitados*.

Atenção particular será dada às **famílias migrantes**, ao respeito pela sua cultura, à integração em nossa sociedade, favorecendo, na medida do possível, a reunificação de todos os membros da família, à educação religiosa e escolar dos filhos. As CEP devem abrir-se à aceitação e integração dessas famílias, tanto por meio de gestos concretos e simples, quanto solicitando intervenções institucionais, colaborando também com as adequadas formas associativas. Sobre isso, não devemos esquecer as palavras de *Francisco*: “as profundas convicções da sua própria fé: a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e a lei suprema do amor fraterno” (FT, 39).

Aumenta sempre mais na comunidade cristã o número dos **‘afastados’**, principalmente aqueles que, ainda movidos por uma vaga religiosidade ‘tradicional’, batem às portas das nossas paróquias salesianas para pedir batismos, primeiras comunhões e confirmações, matrimônios e funerais. São ocasiões preciosas para motivar, provocar, um caminho de reencontro com o Deus que salva pela Palavra, pela mensagem oportuna e pela relação fraterna que oferecemos como Igreja.

É necessário também que as famílias sejam envolvidas no repensamento da pastoral sacramental, com o objetivo de desfrutar das ocasiões de contato

para testemunhar a beleza da vida cristã mediante propostas de primeira evangelização.

Em algumas CEP vão-se experimentando e refletindo sobre o modo da **presença no seu interior de famílias feridas, mas fiéis**, com um potencial educativo muito elevado para os jovens. Em diversas comunidades, algumas mulheres separadas de seus esposos, mas fiéis ao matrimônio, começaram a ser incluídas nos itinerários educativos dos jovens, tornando-se testemunhas de quanto, no entanto, o sacramento do matrimônio permaneceu um alicerce de suas vidas.

Em todo caso, a perspectiva a perseguir é pensar em famílias que “cuidem” dos mais frágeis, tecendo laços de proximidade e reciprocidade, superando o círculo próximo de familiares e amigos e abrindo-se aos outros, a todo outro, ao outro “próximo” e ao outro “remoto e desconhecido”, sentindo-se vinculadas por novas formas de solidariedade e pertença, capazes de ultrapassar fronteiras e superar distâncias e diferenças. O “outro” pode ser uma família com uma história cheia de fragilidades ou problemas, bem como uma família vulnerável que vive um momento de crise inesperada com repercussões em diferentes níveis de existência.

Nesse sentido, a presença de **famílias acolhedoras de crianças, adolescentes e jovens** torna-se fundamental. Entre as possíveis concretizações desta opção entram os centros para menores, as “casas família”, as redes de famílias de apoio e adotivas, os grupos e associações de famílias missionárias e solidárias.

*Francisco afirma que “a nossa relação, se é sadia e autêntica, abre-nos aos outros que nos fazem crescer e enriquecem” (FT, 89) e as famílias podem ser sinal profético de uma nova sociedade mundial acolhedora e inclusiva.*

Em síntese, é fundamental acolher todas as famílias qualquer que seja a sua condição. A pastoral juvenil tem em vista ser um bom samaritano para todas as famílias. **Acolher, acompanhar e amar são os três “A” da pastoral juvenil para as famílias de hoje.**



### *Uma pastoral juvenil que apoia itinerários de formação e acompanhamento*

Tudo o que foi afirmado sobre Pastoral Juvenil Salesiana e Família, exige, para ser realizado, **o início de processos de formação para todos e cada um** dos membros da CEP: seja para os Salesianos consagrados, seja para os leigos que apoiam a realização do PEPS e da Família Salesiana.

Diante da mudança vertiginosa das condições socioeducativas, a formação é hoje uma necessidade contínua que envolve atualização contínua e capacidade de aprendizagem permanente para atualização constante e adequada às várias situações. Além disso, nas especificidades da Pastoral Juvenil e Família é necessário um esforço adicional, porque, mesmo não se falando de algo totalmente desconhecido, certamente para muitos é uma sensibilidade a redescobrir ou aprofundar.

Estamos falando, portanto, de uma formação que nos permite antes de tudo trabalhar em comunhão, desenvolvendo a graça de ser um vasto movimento e com muitos dons a compartilhar. Surgem certamente algumas necessidades formativas específicas, como a de continuar a fortalecer as capacidades de discernimento e acompanhamento pessoal e comunitário. É oportuno identificar, também, instrumentos adequados que nos permitam compreender a complexidade e as diversidades dos jovens e das famílias, tanto em nível local, como na CEP, mas também em nível inspetorial.

A Pastoral Juvenil Salesiana é convidada a reconhecer as necessidades e os recursos específicos da família de hoje, interpretá-los iluminados pela Palavra e pelo Espírito e escolher as melhores formas e métodos de acompanhamento dos jovens e das famílias. *Tudo isso requer uma formação específica, com particular atenção, segundo o critério carismático, à formação pessoal sempre iluminada pelo acompanhamento no discernimento vocacional.*

Como visto no capítulo 2, é certamente necessária uma nova formação sobre o Sistema Preventivo, coração do carisma salesiano, a ser entendido tanto como proposta de espiritualidade quanto prática educativa. O trinômio “razão, religião e bondade” não é apenas um projeto educativo de formação integral ou um método prático a ser utilizado na educação, mas também a manifestação dos traços fundamentais da espiritualidade juvenil salesiana a descobrir, viver, reviver e renovar continuamente. Os

agentes da Pastoral Juvenil Salesiana comprometidos com e pelas famílias são chamados também à formação sistemática e à atualização constante nos diversos âmbitos da missão salesiana, para que esse trabalho seja coerentemente incardinado no carisma.

Portanto, é preciso pensar **novos itinerários formativos na pastoral juvenil** em estreita colaboração entre os níveis local e inspetorial na perspectiva da pastoral juvenil e família, à luz dos instrumentos oferecidos pela Congregação, como o “Quadro referencial da pastoral juvenil salesiana”, e do caminho sinodal da Igreja nos últimos anos, com os documentos relacionados aos dois sínodos sobre a família e sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional.

## EM SÍNTESE

- ▶ Neste capítulo começamos por sublinhar o quanto a CEP está ligada ao espírito de família, ao nosso modo de viver a Igreja e à dimensão comunitária da missão. Nela, o Sistema Preventivo torna-se operativo num projeto comunitário e se concretiza o espírito de família. Portanto, hoje, uma das tarefas mais urgentes e primárias da CEP é valorizar a família e apoiá-la planejando com ela um diálogo recíproco. Isso requer uma aliança renovada entre a família e os ‘lugares educativos’.
- ▶ A educação dos jovens é tarefa originária dos pais, ligada à transmissão da vida, e primordial no que se refere à tarefa educativa de outros sujeitos; o papel da CEP é proposto, então, como complemento e não substitutivo do papel educativo dos pais.
- ▶ A teologia pastoral, nesse processo de empoderamento, afirma que a família é objeto, contexto e sujeito da ação pastoral. Esta reflexão levou-nos a questionar a originalidade da família no interior da CEP, podendo ocupar um lugar específico. A contribuição da vocação familiar, geracional e de casal foi individuada em pelo menos três temas centrais: o amor, a vida e a educação.

- ▶ Por isso, tanto em nível local quanto inspetorial, é necessário começar a planejar itinerários de formação para os agentes/formadores, integrando as famílias no PEPS, onde a proposta educativa e pastoral se estrutura em torno de ações que veem a família como protagonista em favor dos jovens. Esses itinerários devem ter como núcleo central a metodologia da pedagogia familiar e a espiritualidade salesiana.
- ▶ Por isso, torna-se imprescindível programar juntos em sentido vocacional; ao mesmo tempo entrar no cotidiano das famílias, falar a sua língua, ficar ao lado delas na fragilidade das relações e reconhecer as durezas presentes na vida de muitas delas, cuidando dos jovens sem família, das famílias jovens, das situações familiares mais frágeis (pobreza, desigualdade e vulnerabilidade), promovendo a solidariedade entre as famílias. Torna-se, pois, necessário acompanhar o amor dos jovens casais/famílias, cuidando deles e planejando uma boa e constante formação no amor para o desenvolvimento de todas as vocações.
- ▶ Tudo o que se disse sobre Pastoral Juvenil Salesiana e Família requer, para ser realizado, o início de processos de formação para todos os membros da CEP, tanto os Salesianos consagrados como os leigos que apoiam a realização do PEPS e da Família Salesiana.



## Reflexão final

As famílias, mais do que um setor onde concentrar nossos esforços, são, então, *um ponto de vista privilegiado de repensamento e planejamento da pastoral juvenil na forma mais realista*. Isso nos leva a acolher a diversidade familiar presente nas obras e valorizar o grande valor pelo qual os nossos jovens poderão conhecer a alegria do amor e do dom. Os jovens vêm de uma família que se torna sinal, escola, ambiente de fé e lugar privilegiado de formação permanente; na continuidade, passam a participar da CEP onde se sentem acolhidos, em casa, valorizados. Em seguida, constroem a sua família, ou uma nova família; isso nos sugere que em nossa trajetória de vida temos vários “encontros familiares” e queremos acompanhá-los.

